

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
Série V ★ BRASILIANA ★ Vol. 282

401.452
A.494 v

THALES DE AZEVEDO
da Fac. de Filosofia da Universidade da Bahia

AS ELITES DE-CÔR

Um estudo de ascensão social

PREFÁCIO

DO PROF. CHARLES WAGLEY
(Columbia University, N. Y.)

63587

Exemplar N.º 986

1955

*Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in The United States of Brazil*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

PASTA: 3
COPIAS: 47
R\$: 7,05

PREFÁCIO

A Bahia, velha e histórica cidade brasileira, ainda preserva muito de suas antigas tradições. Suas igrejas, suas ruas estreitas, suas casas de estilo colonial, o aspeto dos seus mercados, a indumentária das "bahianas" vendedoras de doces ou acarajés, a hospitalidade com que acolhe a família bahiana, o ar simpático e as maneiras finas de sua gente na rua e outros aspetos dessa bela cidade têm atraído numerosos escritores tanto nacionais como estrangeiros. Jornalistas a têm descrito, historiadores estudam-na há muito e antropologistas, interessados especialmente pela persistência de padrões culturais africanos, a escolheram como centro para as suas pesquisas. Entre os últimos, Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edison Carneiro, Ruth Landis, Melville J. Herskovits, Roger Bastide, Donald Pierson e outros estudaram os "candombles" da Bahia e a contribuição do negro à vida bahiana.

Entretanto, um dos aspetos mais interessantes dessa cidade é a composição multi-racial da sua população e o fato de que, num meio tradicional, indivíduos de diversas raças e de variegados tipos físicos vivem essencialmente em harmonia, sem muitas das discórdias e frustrações que caracterizam as relações inter-raciais em outras partes do mundo. Parece até que o ideal brasileiro de democracia racial em nenhuma parte se realiza como

ali. Por conseguinte, é de surpreender que antropologistas e sociólogos pouca atenção tenham prestado a este assunto. Que tratem desse lado da vida bahiana pelos modernos métodos das ciências sociais, existem apenas o excelente livro de Donald Pierson, Brancos e pretos na Bahia, e alguns artigos esparsos de Franklin Frazier e outros.

Sabemos, em suma, muito mais sobre o ritual do "candomblé" do que sobre os padrões de relações inter-raciais na Bahia. Apesar do exotismo e do colorido que aquele apresenta, parece-me não haver dúvida de que o conhecimento dos atuais padrões de relações inter-raciais é de maior importância para a sociedade bahiana e de mais interesse para o mundo em geral. O estudo de Thales de Azevedo vem justamente contribuir para esse campo de estudos tão importante e relativamente desconhecido.

A Bahia, pela sua importância como centro de estudos, tem produzido grande número de estudiosos no campo da antropologia. Thales de Azevedo, Professor de Antropologia na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, mantém a tradição de Nina Rodrigues, de Artur Ramos e outros que não esperaram por pesquisadores do estrangeiro ou de outras partes do Brasil para investigar e analisar a sociedade bahiana. Eles estudam a sua própria sociedade com objetividade científica e competência. Neste livro, o Autor utilizou-se de inquéritos pessoais, de dados biográficos e material estatístico e, como participante da sociedade local, nos deu um excelente estudo sobre a dinâmica da ascensão social das pessoas de cor

num centro urbano como é a cidade em apreço. Além disto, ajuntou perspectiva histórica aos seus conhecimentos de antropologia social moderna como já demonstrara em seu trabalho anterior, Povoamento da Cidade do Salvador, obra que teve tão boa aceitação.

O quadro que Thales de Azevedo pintou sobre as relações inter-raciais e a sua análise do processo de mobilidade social da parte da população da Bahia denominada "de côr", é essencialmente otimista. Como Donald Pierson, êle chega à conclusão de que a sociedade bahiana é uma sociedade multi-racial de classes e não de castas; de que existem, relativamente falando, relações pacíficas entre os indivíduos descendentes de vários estogues raciais; de que não existem barreiras intransponíveis que impeçam a ascensão social de indivíduos por causa de sua côr; e, finalmente, de que as facilidades para a ascensão das pessoas de côr de uma classe para outra mais elevada estão aumentando. Como Donald Pierson, concorda em que existem preconceitos e discriminações baseados na côr e traz a isto uma contribuição inteiramente nova com os dados que colheu na sua pesquisa de campo. Nas biografias dos indivíduos de côr, que analisou, e nas atitudes reveladas em muitas das entrevistas realizadas, encontraram-se manifestações que indicam frustrações e discriminação. Essas manifestações aparecem, porém, em forma branda, principalmente se comparadas às existentes noutras partes do mundo. Mas, mesmo na Bahia não deixam de existir numerosas desvantagens para o indivíduo de côr interessado

em melhorar a sua posição social, educacional e econômica por seus próprios esforços. As barreiras que dificultam a ascensão social em tais casos, mesmo sob circunstâncias relativamente favoráveis como as da Bahia, inevitavelmente nos fazem refletir sobre a situação das populações de cor na África do Sul, nos Estados Unidos, nas colônias europeias e em outras partes do mundo onde as barreiras são mais numerosas e mais resistentes.

Não resta dúvida, lendo o trabalho de Thales de Azevedo, que na Bahia o tipo racial de um indivíduo, ou melhor a sua aparência física, constitui apenas um dos critérios na avaliação das qualidades e merecimentos do homem de cor pelo seu conterrâneo. A profissão, o padrão de vida, a educação, a família e a participação na sociedade constituem, com o tipo racial, os fatores que determinam a classificação na hierarquia social bahiana. Apesar das desvantagens do seu tipo racial, é perfeitamente possível ao homem de cor subir de posição social se modificar a sua situação econômica, a sua educação, a sua profissão, e ainda através o matrimônio ou pelo mecanismo do sistema de padrinhos e madrinhãs, muitas vezes escolhidos entre pessoas pertencentes às classes mais altas. A ascensão social dos indivíduos de cor é portanto, realizável e, como nos mostra este trabalho, um fenômeno que já teve lugar no passado e continua a ocorrer com maior frequência nos dias presentes. O atual sistema social da Bahia nos faz acreditar que naquela sociedade foi encontrada uma solução praticável para o problema que assola grandes regiões do mundo mo-

derno. Na Bahia, o processo de integração, numa sociedade multi-racial, de uma massa de ex-ecravos de tipos raciais variados e diferentes de seus antigos senhores, está bem adentado.

Resta saber, porém, se a Bahia, e também o resto do Brasil, conseguirão manter esta inestimável herança, isto é o seu sistema de relações raciais, deante das novas condições sociais que inevitavelmente serão criadas pela industrialização e pelo desenvolvimento do país. A industrialização e, ao mesmo tempo, inovações no sistema educacional certamente modificarão a sociedade bahiana. Não concordo com a opinião de que mudanças dessa ordem inevitavelmente acarretem com-petição e tensões entre os vários grupos raciais, simplesmente porque a tensão racial tem sido muitas vezes observada em países grandemente industrializados. Os bahianos, todavia, devem estar prevenidos dos perigos que podem acompanhar a mudança de uma sociedade semi-fendal e patriarcal, cujo sistema de relações humanas é mantido em bases pessoais e na qual as classes vivem conscientes de suas obrigações, para uma sociedade industrializada na qual as relações humanas se tornam impessoais e são determinadas por motivações econômicas. Tanto a Bahia, como o Brasil em geral, terão de adquirir novos conhecimentos de outras regiões do mundo para estimular o seu progresso material e há muito, no campo das relações humanas, o que aprender de outros povos, mas ao mesmo tempo devem procurar preservar as suas tradições caracteristicamente brasileiras, das quais o resto do mundo terá bastante

que aprender, especialmente as de relações inter-raciais.

O presente trabalho constituiu uma das contribuições do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia-Columbia University aos estudos empreendidos pela UNESCO sobre relações inter-raciais no Brasil. O segundo desses trabalhos, intitulado Raça e Classe no Brasil Rural, consta de uma série de artigos da autoria de Marvin Harris, Harry W. Hutchinson, Ben Zimmerman e do autor destas linhas sobre os sistemas de relações raciais e suas funções em quatro comunidades rurais do norte do país. Esses estudos mostram que muitas das conclusões de Donald Pierson e de Thales de Azevedo também podem ser aplicadas a regiões situadas muito além dos limites da cidade da Bahia. Somente por meio de estudos de campo e pesquisas empíricas, como as realizadas por Thales de Azevedo e os outros antropologistas participantes daquele Programa poderão ser compreendidas a verdadeira estrutura e a dinâmica da sociedade bahiana e das mudanças que esta, inevitavelmente, virá a experimentar.

Considero que o livro de Thales de Azevedo é indispensável, por sua sóbria objetividade científica, ao leitor brasileiro ou estrangeiro, como ao cientista social, interessado em compreender melhor o Brasil.

CHARLES WAGLEY

Columbia University, N. Y.

INTRODUÇÃO

Esta monografia destina-se a dar uma compreensão da dinâmica da ascensão social das pessoas de cor em uma cidade brasileira e uma indicação dos canais através os quais se processa essa mobilidade vertical. A cidade escolhida para estudo foi a Bahia, por ser tradicionalmente considerada o melhor exemplo de harmonia racial no Brasil.

O plano da pesquisa que serviu de base ao relatório inclui 1) um inquerito sobre a participação das pessoas de cor, geralmente descendentes de africanos ou da miscigenação destes com portugueses, nos grupos sociais e profissionais de prestígio e, de modo geral, nos estratos superiores da estrutura de classes local; 2) uma análise dos processos de mobilidade vertical daquelas pessoas, e 3) o exame das opiniões e atitudes dos bahianos, brancos e de cor, em referência ao problema da aquisição de status e de prestígio por parte dos últimos.

O trabalho de campo teve início na segunda quinzena de fevereiro de 1951, extendendo-se até outubro seguinte, sob a minha responsabilidade.

A composição dos grupos sociais e profissionais, segundo os tipos físicos dos seus integrantes, fez-se por observação direta de situações reais em toda a cidade da Bahia, particularmente durante

cerimônias religiosas, desfiles militares e civicos, reuniões escolares, sessões de academias e associações científicas, bailes em clubes sociais e recreativos, festas de família, partidas esportivas; por meio de visitas e repartições burocráticas, a lojas e escritórios comerciais, a escolas, a clubes e outros locais de trabalho e recreação; pelo exame de retratos de pessoas registradas no Gabinete de Identificação da Polícia civil estadual, de estudantes graduados, em diversos anos, pelas Faculdades de que se compõe a Universidade da Bahia e pelas escolas secundárias, de membros de irmandades religiosas, de sócios e de famílias de sócios de clubes recreativos e sociais, de profissionais inscritos nas organizações oficiais que controlam o exercício das profissões liberais. Quando não se dispunha sinão de listas de nomes, como ocorreu com alguns grupos, as classificações foram feitas por pessoas que, por sua participação em cada grupo e por seu espírito observador, mostraram conhecer muitos dos indivíduos constantes das referidas listas; estas classificações foram feitas sempre por três ou quatro pessoas diferentes e discutidas com as mesmas. Além desses inquéritos e da seleção de dados existentes em estudos sociais, históricos, etnográficos e demográficos anteriores, foram entrevistados 56 pretos e mestiços de uma lista de 128 nomes, a qual incluía a maioria das pessoas de côr mais altamente situadas, social e profissionalmente, na sociedade bahiana. Das 48 pessoas relacionadas, com as quais eu já mantinha relações mais ou menos próximas, entrevistei pessoalmente 25, escolhendo

mais 20 entre as 80 com as quais nunca tivera contatos; as demais 11, quasi todas do sexo feminino, foram entrevistadas pelas assistentes da pesquisa. Dessarte, ouviram-se 20 pretos e 36 mestiços de diversos tipos, sendo 12 do sexo feminino e 44 do sexo masculino, das profissões de advogado, juiz, médico, engenheiro civil, dentista, economista, professor, educador, artista, construtor civil, comerciante, funcionário público, além de padres e estudantes universitários; alguns daqueles profissionais, além das suas ocupações básicas, exercem atividades políticas, burocráticas, educacionais e ação social. São, quasi todos, indivíduos que subiram de situações modestas, por vezes da maior pobreza, a posições de maior ou menor prestígio; as suas idades variam dos 20 a perto dos 70 anos, predominando os de 30 a 50 anos, todos naturais da cidade ou habitantes muito antigos da mesma.

As entrevistadas, do tipo ativo (*), versaram sobre as relações inter-raciais e os preconceitos de côr, com ênfase no problema da ascensão social, deixando-se aos informantes toda a liberdade de expressão e interferindo-se apenas para fazer prosseguir o seu relato sem desvio muito sensível do assunto. Poucas vezes, contudo, foi possível obter uma exposição fluente sem perguntas sobre o tema e sobre as experiências do

(*) Sobre as técnicas e as vantagens desse tipo de entrevista, cfr. Clyde Kluckhohn, "The personal document in Anthropological Science", in *The use of personal documents in History, Anthropology and Sociology*, Social Science Research Council, Bulletin 53, New York 1954, p. 125.

entrevistado; é oportuno registrar que vários dos informantes, apesar do nível mental elevado de muitos, tiveram certa dificuldade em formular seus pontos de vista sobre aqueles problemas, o que pode perfeitamente representar uma reação defensiva mas pode também ser a confirmação da afirmativa que faziam de que poucas vezes haviam pensado no assunto. Uma coisa e outra são muito significativas da situação racial bahiana. Raros foram, no entanto, os casos em que a espontaneidade das informações parecia prejudicada por certo grau de desconfiança. Somente duas pessoas evitaram ser entrevistadas, um profissional preto, que mais de uma vez mostrou-se muito reservado, e uma funcionária pública mulata clara, que manifestou irritação com o assunto afirmando que este não é importante na Bahia. Para compreensão dos achados feitos através entrevistas, vale a pena esclarecer que estas se fizeram, em geral, sem combinação prévia; várias vezes, porém, avisei com alguns dias de antecedência aos informantes de que estava fazendo um estudo das relações inter-raciais em nossa cidade e que estimaria conhecer as opiniões dos mesmos. Diversas entrevistas foram obtidas em encontros fortuitos, desenvolvendo-se como conversas informais, que nalguns casos foram repetidas expressamente para os fins deste estudo, com o assentimento dos informantes. Algumas pessoas foram apontadas como difíceis de abordar em "matéria tão delicada"; todavia mostraram-se, na maioria, tão acessíveis quanto as demais. Os propósitos do pesquisador foram geralmente muito bem apre-

endidos pelos informantes; alguns destes pareceram ter encontrado, na entrevista, uma oportunidade há muito desejada para expansão de suas queixas e de outros pontos de vista sobre as suas experiências individuais e sobre o problema em geral. O método de entrevistas mostrou-se ao que parece, muito eficaz, permitindo esperar que a sua utilização em mais larga escala possa trazer novos esclarecimentos ao mesmo assunto.

Quanto ao sistema de notas, as mais importantes destas eram tomadas, abreviadamente, durante a conversa com os informantes; poucas vezes, contudo, foram registradas extensamente durante a entrevista. Os relatórios redigiam-se, com poucas exceções, nas primeiras horas após o encontro.

Outro material muito utilizado na elaboração da monografia foram indicações fornecidas por limitado número de informantes brancos, pessoas consideradas boas conhecedoras das coisas bahianas do passado e do presente, e os conhecimentos que tenho do meio, como natural e residente permanente da cidade. Usei, ainda, de notícias, anúncios e comentários editoriais de revistas e jornais diários da cidade, os quais refletem até certo ponto, estereótipos aceitos no meio.

Como uma simples descrição da situação racial bahiana não bastaria para a compreensão da dinâmica da ascensão social dos escuros, nem para permitir qualquer tentativa de previsão sobre as tendências do problema, este foi tratado como um processo de mudança e, portanto, encarado

em sua dimensão histórica. Evitei, porém, fazer uma história do problema.

Toda a tarefa foi, de certo modo, dificultada pela escassez de estudos antropológicos e sociológicos sobre a sociedade bahiana. A nossa cidade tem sido estudada, particularmente nos últimos cinco anos, sob o aspeto histórico; em referência à população de côr encontram-se vários estudos sobre o tráfico negroiro, sobre antropometria e particularmente sobre aculturação e sobrevivências culturais de procedência africana, mas, como assinalou Pierson em sua obra tantas vezes citada nesta monografia, nada ou quási nada existe sobre os problemas de conflito e de acomodação interracial. O livro dêsse autorizado cientista social, é realmente o primeiro e, até hoje, o único em que as relações inter-raciais na Bahia são analisadas pelos modernos métodos sociológicos. Outra falha que torna precária a interpretação das opiniões e atitudes dos indivíduos e grupos de côr é a falta de estudos de psicologia social, bem como descrições e análises da cultura bahiana e do seu *ethos*, muito embora se possam encontrar indicações sobre êsses temas, esparsas em vários trabalhos de autores nacionais e estrangeiros. Alguns desses trabalhos são, contudo, generalizações baseadas em impressões ou opiniões dos seus autores.

Por todas estas e outras razões, não pretendo de modo algum haver feito trabalho completo ou definitivo sobre o complexo problema da mobilidade social vertical dos bahianos de côr. Acima de tudo procurei ser objetivo, apresentando os problemas com espirito científico, evitando, tanto quanto possível, os preconceitos etnocêntri-

cos que não pode deixar de ter, ainda que disso não se dê conta, qualquer participante de uma cultura.

A realização deste projeto foi uma iniciativa da UNESCO, que a financiou e tornou possível graças a um convênio firmado com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, dentro de cujo Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia — Columbia University foi levada a efeito. E' um grato dever para mim agradecer aos meus prezados amigos, prof. Charles Waugley, da Columbia University, de New York, pela esclarecida colaboração que deu à organização do plano da pesquisa e pelo apoio que á mesma proporcionou como Diretor do aludido Programa, e prof. Anísio S. Teixeira, pela lúcida discussão de alguns temas do trabalho e pelo valioso apoio que deu a êste na sua qualidade de Secretário Geral da Fundação. Cumpre-me também mencionar o eminente prof. Alfred Métraux, quem, como um dos Diretores do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, aprovou os planos da pesquisa e a minha escolha para dirigi-la, e a quem devo a gentileza de haver lido as minhas notas de campo, discutindo comigo vários problemas em estudo e auxiliando-me com os seus comentários críticos e a sua autorizada orientação. Registro igualmente e agradeço a excelente cooperação recebida das minhas assistentes de pesquisa, prof. Maria Amelia C. Leite, da Escola de Serviço Social da Bahia, Josilideth S. Gomes e Teréza Cardoso, minhas alunas do curso de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia

e minha filha Sylvia D. Azevedo, bem como aos drs. Maurílio Pinto da Silva, Jayme Abreu e Luis R. Sena por outras formas de colaboração desinteressada, e ao competente fotógrafo sr. Pierre Verger pela sua ajuda técnica. Agradeço ainda aos clubes recreativos, irmandades religiosas, escolas e organizações controladoras do exercício profissional por me haverem facilitado a consulta aos seus fichários e livros de registro. Quero fazer uma referência especial aos distintos informantes, cujos nomes infelizmente não me é dado indicar, aos quais sou grato pela sua bôa vontade e pela riqueza de dados e experiências pessoais que me confiaram e dos quais fiz uso com os melhores propósitos científicos; nenhum deles tem qualquer responsabilidade no modo como aproveitei esse material.

THALES DE AZEVEDO

Janeiro de 1952.

ADDENDUM

Escrita em janeiro de 1952 e publicada no ano seguinte, em francês, em edição da UNESCO sob o título de *Les Elites de Couleur dans une Ville Brésilienne*, esta monografia é agora editada em seu original de língua portuguesa após revisão para atualizar, em notas, alguns dados e acrescentar indicação mais minuciosa das fontes de informação.

Não julguei necessário reelaborar ou introduzir modificações naquele manuscrito, apesar de vir acompanhando de perto o problema da ascensão social das pessoas de cor. Nos três anos que decorreram desde a pesquisa em que se fundamentou a monografia, a situação racial baiana conservou-se essencialmente inalterada. É assim que os episódios

narrados no texto são anteriores a 1952, a não ser quando expressamente indicada uma data posterior.

Se nas páginas deste estudo puder ser identificada alguma pessoa, atribua-se aquilo unicamente ao espírito sociedade baiana, atribua-se ao mesmo trabalho. Omitir qual científico com que foi feito o mesmo trabalho. Omitir qualquer caso importante de ascensão social ou de projeção intelectual, artística, política, importaria em sacrificar a exatidão com que procurei descrever e analisar a dinâmica social da Bahia, e até poderia representar uma injustiça para com algum dos que triunfaram das dificuldades acaso atribuíveis ao seu tipo físico e que foram reconhecidos em nosso meio em virtude dos seus merecimentos. Penso que, por sua natureza e pelos riscos de que se venha a modificar para peor, o que não tem nada de impossível nem de remoto se não estivermos vigilantes, a situação racial brasileira, na Bahia como em São Paulo ou em qualquer outra parte, deve ser tratada com objetividade para que possa ser compreendida no que tem de bom e de mau e, assim compreendida, seja preservada e aperfeiçoada. Não acredito que o tratamento científico do problema possa agravá-lo e muito menos deva molestar àquele envolvidos no mesmo e que seriam os mais prejudicados se a situação, por desconhecimento da realidade em todos os seus aspectos, viesse a mudar, por pouco que fôsse, em sentido negativo.

Creio mesmo necessário que a sociedade baiana, ou pelo menos os orientadores da educação, da política, das relações humanas em todos os setores de atividade e particularmente os antropólogos e sociólogos, que estudam a sua cultura, conheçam bem como o problema das relações inter-raças se processa na Bahia e no resto do Brasil para que possam colaborar para que a nossa terra possa sempre ser apontada como uma daquelas raras, em todo o mundo humano, em que pessoas de origens étnicas diferentes convivem de modo bastante satisfatório sem embargo da diversidade e até do contraste entre seus tipos físicos.

Agosto de 1954.

T. A.

OS TIPOS ÉTNICOS BAIANOS

Bahia, a mais antiga das cidades brasileiras, fundada em 1549 para capital da circunscrição territorial denominada Capitania da Bahia e também para sede do Governo geral da extensa colônia portuguesa que era o Brasil, é mundialmente conhecida pela sua localização à margem da bela Baía de Todos os Santos, pelo opulento estilo barroco de suas igrejas e edifícios coloniais e principalmente pelos peculiares costumes de sua variegada população, entre os quais se destacam as boas relações que ligam socialmente os tipos raciais de origem européia e africana que caracterizam os seus habitantes. Stefan Zweig, em um livro que foi traduzido em diversas línguas, faz uma impressionante descrição da Bahia e de suas tradições ainda vivas, afirmando que "com essa cidade teve início o Brasil e, com direito podemos dizê-lo, a América do Sul. Nessa cidade levantou-se o primeiro pilar da grande ponte lançada sobre o Atlântico, nela originou-se de matéria européia, africana e americana a mistura nova que ainda fermenta eficazmente" (1).

Desde a sua fundação com o nome oficial de Cidade do Salvador, a Bahia se foi tornando conhecida pela sua riqueza, baseada na elevada

(1) *Brasil, país do futuro*, trad. por O. Gallotti, Rio 1941, p. 275.

produção de açúcar das suas fazendas e engenhos, pelo brilho do culto em seus numerosos templos católicos, pelas procissões religiosas que desfilavam per suas ruas estreitas e inclinadas, pelos hábitos tipicamente portugueses de sua população. Como um dos centros de importação de escravos africanos para as suas lavouras, era também famosa pela alta proporção de negros entre os seus habitantes, a tal ponto que viajantes estrangeiros no período colonial, desconhecendo os usos caseiros dos povoadores portugueses, descreveram-na como uma nova Guiné (2).

Séde do Govérno geral do Brasil e residência do Vice-Rei português até 1763, quando a capital da colônia foi transferida para o Rio de Janeiro, a Bahia era considerada "a mais portuguesa" das cidades do continente americano; hoje é uma das maiores cidades brasileiras (3). Devido à natureza conservadora e tradicionalista da sua civilização e à sua distância geográfica de outros centros urbanos de importância, é considerada

(2) M. Frezier, *Relation du voyage de la Mer du Sud aux côtes du Chili et du Pérou, fait pendant les années, 1712, 1713 & 1714*, Paris MDCCXXII; Adolphe d'Assier, *Le Brésil contemporain*, Paris 1867.

(3) O Estado da Bahia tem uma área de 563.762 Km² e um litoral de 1.100km; o seu território, de aspecto geográficos variados, é ocupado principalmente pelas plantações de cacáu, tabaco, cereais, pela pecuária e por minas de manganês, cromo, diamantes, ferro, xisto bituminoso, etc. De acordo com o censo nacional de julho de 1950 o Estado tinha 4.834.575 habitantes e a Bahia (Cidade do Salvador) 389.422 habitantes. As outras cidades mais populosas do Brasil são Rio de Janeiro (Distrito Federal) com 2.303.063 hbts., São Paulo 2.041.857 hbts., Recife 512.370 hbts., Porto Alegre 375.049 hbts. e Belo Horizonte 338.585 hbts.

uma das ilhas demográficas e culturais do que se tem chamado o "arquipélago brasileiro". Por causa do seu tipo arquitetônico e urbanístico, do seu ar de antiguidade e do ritmo moderado de existência da sua população, a Bahia é hoje considerada a cidade mais européia do Brasil. O que, além disso, a torna particularmente interessante é o fato de que foi sempre um crisol de raças, certamente o mais representativo e simbólico das relações raciais no país.

Para compreender uma descrição da população local da para interpretar uma estatística demográfica bahiana, antiga ou moderna, é necessário conhecer muito bem o significado dos termos com que se designam os variados tipos físicos reunidos nesse grande *melting pot*. As expressões mais usadas para isso são: *branco*, *preto*, *mulato*, *pardo*, *moreno* e *cabôclo*. Aparentemente êsses vocábulos descrevem tipos físicos determinados; na verdade o sentido dos mesmos é socialmente condicionado, muito embora basicamente relacionado com os traços raciais, especialmente a côr da pele, o cabelo e as formas faciais.

Branços são, de modo geral, os indivíduos de fenotipo caucasóide; as pessoas mais alvas, de olhos claros, de cabelos igualmente claros e finos são, muitas vezes, chamadas de *brancos finos* por não apresentarem indícios de mistura com tipos de côr. Podem ser chamados de *brancos* também os ricos ou pessoas de status elevado, seja qual fôr o seu aspecto: quem ouvisse uma pessoa humilde qualquer, uma empregada doméstica ou um trabalhador rural, branco ou preto, referir-se a

"meu branco", dificilmente poderia convencer-se de que o termo estaria sendo aplicado a um mestiço bastante escuro. Um informante ouviu empregados do seu pai, que é um mestiço, advertirem um companheiro de trabalho que não desse prejuízo "ao branco", patrão deles. Os carregadores, quási todos pretos, que se aglomeraram à espora dos vapores e trens que chegam à Bahia, muitas vezes dirigem-se a brancos e mestiços com aparência de ricos, chamando-os de "meu branco." Entre a gente do povo é comum ouvir dizer que "branco é quem tem dinheiro". Diz um sociólogo de côr que "o negro brasileiro pode brancuear-se, na medida em que se eleva economicamente e adquire os estilos comportamentais dos grupos dominantes. O "peneiramento" social social brasileiro é realizado mais em termos de cultura e de "status" econômico do que em termos de raça". (4) Por isto diz um profissional mulato, "tem dinheiro é branco". Os mestiços de côr clara, branqueados ou "brancos na côr", são chamados de *brancos da terra* ou *brancos da Bahia* (5) quando ocupam uma posição social importante

(4) A. Guerreiro Ramos, entrevista ao *Diário Trabalho*, Rio 24. III. 46.

(5) Segundo Donald Pierson, os *brancos da Bahia* são "mestiços muito claros, os quais são ordinariamente considerados brancos na Bahia", cfr. *Branços e pretos na Bahia*, São Paulo 1945. p. 200. Comentando essa definição um escritor bahiano esclarece que a mesma "não resulta de pura observação da Antropologia física. Fatores de ordem sociológica entram em seu condicionamento, dificultando-lhe a conceituação". J. Valadares, "Branços da Bahia." *Estado da Bahia*, Bahia 2. VI. 1943. (Este comentário refere-se a um artigo publicado por Pierson em 1943).

e não se quer chamá-los *mulatos*, o que, em muitos casos, se evita por delicadeza. Na caracterização desses "brancos presumidos", é sempre muito relevante a fortuna ou o papel social. Falando de um mestiço claro de traços levemente negroides, alguém disse, com certo ar de ironia, que "aquele é branco, socialmente falando, porque já ocupou um dos mais altos cargos políticos do Estado". Por essas razões é que um médico bahiano, dedicado aos estudos de Antropologia, escrevia em 1898 que "anatomicamente, os brancos da Bahia estão entre os pardos e os descendentes diretos dos portugueses não mestiçados" (6).

Pretos são os indivíduos que têm as características físicas do negro africano particularmente a pele muito escura, "côr de carvão", os cabelos encarapinhados, o nariz chato e os lábios muito espessos. Mas a expressão "negro" é considerada indelicada e por vezes ofensiva, desde os tempos coloniais. Trabalhando em uma clínica hospitalar um médico registrou como "negro" uma criança que ali fôra procurar tratamento; mais tarde o pai desta foi protestar junto ao médico contra a classificação dada ao seu filho, dizendo preferir que o chamassem preto ou "escuro". Quando alguém se dirige a um preto de classe inferior pode, por exemplo, compará-lo a outro "preto como você", mas tratando-se de pessoa de classe mais alta a etiqueta manda empregar o vocabulo *escuro* ou mesmo *moreno*. Diversos informantes relatam que os alunos de alguns professores

(6) J. B. Sá Oliveira, *Evolução psíquica dos bahianos*, Bahia 1898, p. 51.

pretos de maneiras ríspidas dizem que isto "são coisas de negros". Um intelectual mulato escuro sabe que, quando o querem ofender, chamam-no "aquele negro"; também um profissional preto sabe que seus adversários políticos referem-se à sua pessoa como "o negro Leonardo". E não é raro ouvir brancos e morenos reclamarem, a meia voz, contra os máus modos, as gargalhadas ou o falatório "destes negros" quando pretos e mulatos dão expansões ruidosas à sua alegria no interior dos veículos públicos, dos cinemas ou nas ruas. Todavia "meu negro" é uma locução que exprime carinho mesmo entre brancos. Algumas vezes usa-se a palavra "negro" no diminutivo, "negrinho simpático", sem conotação depreciativa. Entretanto "negrinha", uma forma peculiar do mesmo diminutivo, tem sentido pejorativo e injurioso, sendo aplicado a um jovem de côr que tem má reputação moral. Proceder "como uma negrinha" equivale a comportar-se mal, especialmente do ponto de vista das atitudes para com pessoas do sexo masculino.

Nos primeiros tempos do período colonial chamavam-se "negros" aos indígenas que habitavam o país antes da sua descoberta pelos portugueses. Isso causou muita confusão entre os que estudavam a história daquele período e se interessavam em verificar a participação de indígenas e de africanos em determinados aspectos da vida brasileira; somente há poucos anos foi esclarecido o sentido em que era empregado a expressão. Uma lei portuguesa de 1755 determinava que os indígenas "não fossem chamados negros,

pela infâmia e vileza que isto lhes trazia por equivar-los aos da Costa d'África como destinados para escravos de brancos". Os verdadeiros negros africanos eram, na época, denominados negros da Guiné, negros da Costa ou negros de "nação", isto é de tais ou quais tribos africanas. De um modo geral, "negros" eram quaisquer escravos, tanto que em 1773 o monarca lusitano queixava-se de que no Brasil existiam ainda "pessoas tão faltas de sentimentos de humanidade, e de religião, que guardam nas suas casas escravas, umas mais brancas do que êles com os nomes de pretas e de negras, e outras mestiças..."

Aos filhos de africanos, nascidos no Brasil, chamava-se de *crioulos*, termos ainda hoje aplicado, em sua forma feminina, às pretas e mulatas que se vestem como "bahianas", com tórso à cabeça, saia muito ampla, camisa alva bordada e miúdo decotada e um chale de côres aos ombros, indumentária trazida pelos africanos do Dahomey e até os nossos dias usada, com certas modificações locais, pelas mulheres ligadas aos ritos religiosos de origem africana, os *candomblés*. As crioulas bahianas são figuras típicas das ruas da cidade, onde podem ser vistas ao transitarem para os centros de culto fetchista ou sentadas junto a tabuleiros em que expõem à venda, especialmente durante as festas populares, os manjares da famosa *cosinha* local, em grande parte de origem africana.

Pardo e mestiço são empregados mais ou menos como sinônimos de *mulato*, isto é de descendentes do cruzamento entre europeu e afri-

cano. As variedades desses tipos, segundo a intensidade de sua cor e tipo do cabelo, tinham antigamente designações próprias, hoje em desuso. Fala-se em mulato claro e mulato escuro segundo a predominância daqueles caracteres; os primeiros, quando têm o cabelo mais parecido com o dos brancos, são também chamados "caboverdes" ou "roxos". Uma moça com poucos traços de mestiçagem é "uma rôxinha" ou ainda uma "cabrocha". Os bahianos empregam, em tais casos, a forma diminutiva desses termos para tirar deles qualquer sentido depreciativo que possam ter. Dizer "uma mulata", ao menos em referência a uma moça de certa posição social, é dalgum modo menos delicado do que falar em "uma mulatinha". Em muitas ocasiões, especialmente quando se alude a uma pessoa de consideração, nenhum daqueles termos é empregado; diz-se uma "pessoa de cor" ou "um escuro". O mestiço de cor trigueira, cabelos levemente crespos e traços fisionômicos brancoideis é "moreno", sobretudo se fôr das classes mais altas.

Um jornalista, descrevendo recentemente um trecho da cidade em que se reúne muita gente de cor, escreveu que ali se encontram "lindas mulatas. Se do povo e pobres, são mulatas; se gráficas, morenas pálidas". (7) E poderia ter acrescentado, "morenas cor de canela" ou "cor de jambo". São muito comuns as referências ás mulheres desse tipo nas canções populares divulgadas por ocasião do carnaval; nas notícias dos

(7) G. Valente, "Da Rua Chile", A Tarde, Bahia, 27. IX, 51.

jornais sobre acidentes, crimes e outros acontecimentos envolvendo mestiços, mesmo das classes mais pobres, poucas vezes se usa a denominação "mulato", preferindo-se caracterizar estes tipos como pardos ou morenos. A expressão "morena", como pardos, um sentido romântico, indicativo tem, ademais, um sentido levemente pigmentado de um tipo feminino de pele que tornam aquelas tadas e traços de beleza física que tornam aquelas mulheres "tão resquestadas e preferidas de muitos", diz um informante. "Por isto mesmo o tipo "morena" tem sido glosado em prosa e verso pelos nossos ficcionistas. E essa "morena" pode não ter sangue africano" (8).

Os indígenas e os descendentes do cruzamento destes com brancos são ordinariamente indicados como *cabôclos*, porém esta expressão não é muito importante hoje na Bahia devido á raridade relativa de tais tipos na cidade. Caboclo é, como "meu negro", também um tratamento de carinho entre indivíduos de qualquer cor. Convem notar ainda, por causa das antigas estatísticas, que nos meados do século XVIII, atendendo aos reclamos do nativismo brasileiro, o governo português proibiu o uso do termo "cabôclo" devido á conotação injuriosa que tinha então, e ao mesmo tempo concedeu a condição civil de brancos aos índios e aos seus descendentes mestiçados com portugueses de modo a poderem casar com brancas e ocuparem cargos públicos na colônia. Assim é que nos censos militares da época os contingentes de *mamelucos* ou *cabôclos* eram con-

(8) Arthur Ramos, *Introdução á Antropologia Brasileira*, Rio 1947, II, p. 374.

siderados como de brancos. A palavra, entretanto, perdeu inteiramente a sua conotação injuriosa, sendo considerada atualmente até elogiosa quando se faz alusão a "um cabôclo bom", isto é a um homem de boas qualidades.

O albino negroide e o mulato ruivo, de cabelo vermelho ou alourado, são conhecidos como *sarvuds*.

A exata designação desses vários tipos sempre constituiu uma dificuldade para os antropologistas e para as pessoas encarregadas da identificação de escolares, militares, criminosos (9). Respondendo à consulta de um advogado, o chefe do Gabinete de Identificação da Polícia civil do

(9) O antropologista bahiano Nina Rodrigues, em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 3.^a ed., escrita no começo deste século, diz que os mestiços compreendem: 1. *Mulatos*, produto do cruzamento do branco com o negro; a) mulatos dos primeiros sangues; b) mulatos claros, de retorno à raça branca; c) mulatos escuros, *cabrões*, produto de retorno à raça negra, uns quase completamente confundidos os negros crioulos, outros de mais fácil distinção; 2. *Mamelucos* ou *cabôclos*, produtos do cruzamento de branco com índio; 3. *Curibocas* ou *cafusos*, produto do cruzamento do negro com o índio. Este mestiço é extremamente raro na população da capital; mais frequente noutros pontos do Estado e muito frequente em certas regiões do país; 4. *Pardos*, produto do cruzamento das três raças e provenientes principalmente do cruzamento de mulato com índio, ou com mamelucos e cabôclos. Artur Ramos, no livro *A aculturação negra no Brasil*, 1942, p. 58, e noutros trabalhos, inclusive "The Negro in Brazil" in *Brazil, portrait of half a continent*, editado por T. Lynn Smith e A. Marchant, N. Y. 1950, p. 130, adota aproximadamente a mesma nomenclatura, mas propõe que, devido às respectivas imprecisões, se empreguem "pardo", mulato e mestiço como sinônimos.

Estado da Bahia declarou, ha poucos anos, que em sua repartição empregam-se "segundo a opinião do identificador" os termos *branco*, *moreno*, *pardo*, *mestiço* e *preto*. Uma funcionária que ha muito tempo trabalha nesse serviço assim descreve os tipos bahianos: "mestiço" é o descendente de negro com mulato; "pardo" é filho de mulato com branco; o "mulato" deriva de branco com preto, podendo ser claro, mas tem sempre os lábios grossos e arroxeados pela pigmentação; "moreno" é o mulato fino e "preto" o indivíduo de traços acentuados de negro.

Muitas pessoas identificadas naquele gabinete como brancas são provavelmente mestiças de diversos tipos; a mesma confusão ocorre com os denominados mulatos, pardos e morenos, de acordo com as verificações feitas por Pierson (10) e agora repetidas pelo Autor. Um advogado preto contou que a sua esposa, mulata relativamente clara, foi ali registrada como preta, ao passo que irmã desta, mais ou menos do mesmo tipo, recebeu a classificação de mulata. É interessante notar, contudo, que nas carteiras de identidade entregues às pessoas registradas, em geral não aparece a denominação "mulato" mais quasi sempre moreno ou pardo, porque aquela é depreciativa. Refere uma assistente social que as mais humildes mulheres que se matriculam na sua agência "não querem ser mulatas, mas morenas"; mesmo as pretas identificam-se como morenas, dizendo às vezes que seus filhos são "moreninhos como eu" ou que o seu marido é "um pouco mais

(10) *op. cit.*, p. 189.

moreno" ou "mais escuro". Entretanto os termos oficialmente usados na agência são branco, pardo e preto. Um médico mulato escuro, que muitos chamariam de preto, conta que, em sua mocidade, viajando em um trem, foi reconhecido por um amigo de seu pai, o qual, sabendo que este era branco, apresentou-o a outras pessoas dizendo que êle era preto na côr mas na verdade era branco por causa da sua origem. "O meu irmão, apesar de mais escuro do que eu, diz uma informante morena, foi classificado uma vez como branco, talvez por ser Doutor".

As dificuldades do identificador e as divergências de opinião entre bahianos a respeito dos tipos étnicos locais podem ser facilmente documentadas. Por causa da falta de uniformidade de critérios para distinguir entre pretos e mulatos, uma antropologista do Rio de Janeiro ao realizar uma pesquisa sobre caratêres antropofísicos das crianças de côr bahianas, classificou estas unicamente em crianças "mais escuras" e "menos escuras" (11). O autor classificou, pelos respectivos retratos, 30 sócios do sexo masculino de um clube social da classe alta bahiana e apresentou os mesmos retratos, em uma série ordenada, a uma moça branca de classe média, a uma mestiça de classe modesta, estudante de ciências sociais, e a um homem mestiço, funcionário administrativo do mesmo clube, pedindo-lhes que os classificassem. As denominações applicadas por cada um foram as seguintes:

(11) M. Julia Pourchet, *Contribuição ao estudo antropológico da criança de côr*, Rio 1939.

NÚMERO DE INDIVÍDUOS DE CADA TIPO, SEGUNDO O CRITÉRIO DE CADA IDENTIFICADOR

Denominações	A	B	C	D
Branços	19	14	21	6
Branços da terra	1	11	2	—
Morenos	4	—	6	19
Mulatos	6	5	1	5

Nota: A, o Autor; B, moça branca; C, estudante mestiça; D, funcionário mestiço.

Somente em 6 casos concordaram os quatro classificadores: tratava-se de brancos inconfundíveis por seu fenotipo europeide; em 5 casos três concordaram na classificação de branco e um divergiu, registrando moreno; em 14 casos as opiniões dividiram-se pela metade e assim por deante.

A maioria dos mestiços claros são identificados como morenos nos registros dos sócios de clubes sociais e de irmandades, bem como nas listas de alunos de um estabelecimento de ensino universitário, examinados para os fins desta pesquisa. Quando se solicitou a diversas pessoas de classe média, na maioria profissionais diplomados pela universidade da Bahia, que classificassem, segundo os respectivos tipos físicos, as pessoas constantes de listas de médicos e farmacêuticos registrados no Departamento de Saúde, de deputados estaduais e federais, de professores da Universidade, de membros da Academia de Letras local e de outras agremiações da cidade,

tambem foi moreno o vocabulo mais frequentemente empregado para indicar os mestiços; poucas vezes alguém usou a expressão mulato. Por influência de livros e de filmes cinematográficos norte-americanos, ouve-se às vezes falar em *colored*. Uma profissional morena diz que sabe que é *colored*; um diário local tambem descreveu com êsse termo um politico mestiço. (12)

Um escritor bahiano assim resume, em livro recente, os problemas de semântica relacionados com a caracterização dos tipos físicos locais: "O preto claro se chama de mulato, mulato claro é moreno, sarará passou a louro. Pardo ninguém sabe o que seja. Branco fino se diz daquele cujas origens e aspeto não dão margem a que se desconfie de mestiçagem. E os que são brancos mestiços não gostam nada de mostrar retratos dos avós" (13).

Os estrangeiros, que existem em um número relativamente muito reduzido na cidade, são facilmente reconhecidos pela maioria da gente. Um europeu de maneiras estranhas, falando com muita dificuldade o português ou expressando-se noutra idioma, é simplesmente considerado "um estrangeiro", particularmente se tem a pele ruivito clara e rosada, os olhos azuis e o cabelo fino e louro. Um brasileiro com esses traços é apontado como "um tipo estrangeirado" ou um tipo de alemão. Podem tambem ser chamados de "gringos" os estrangeiros, quaisquer que sejam as suas características físicas. Os espanhóis que

(12) *Diário de Notícias*, Bahia 8. XII. 51.

(13) J. Valadares, *Beabá da Bahia*, Bahia 1951, p. 91.

dominam o comércio de mercadoria são às vezes chamados "os gringos das vendas". Os judeus russos, polonêses e rumânicos, dedicados ao comércio de mobiliaria ou à vendagem de mercadorias a prestações, são conjuntamente apelidados de "russos"; a gente do povo não sabe que eles são israelitas e ignora, na sua maioria, o termo "judeu". Os sírios, libanêses, árabes e turcos, proprietários de pequenas e médias casas comerciais na parte central da cidade, são tidos todos como "árabes"; os seus descendentes, ainda reconhecíveis por seus traços, são "filhos de árabes".

UM MÍNIMO DE TENSÕES SOCIAIS

A Bahia considerava-se uma das comunidades "mais brasileiras" de todo o país em virtude de ter em sua população um número extremamente reduzido de estrangeiros e de continuar sendo constituída pelos elementos com que originalmente se povoou o Brasil. Em todo o Estado da Bahia por ocasião do censo de 1940 havia 2,04 estrangeiros por 1,000 brasileiros, concentrados principalmente na capital; no último decênio o seu número absoluto aumentou mas a população cresceu em proporção muito maior, de modo que aquela razão baixou para 1,7 por mil.

Aqueles estrangeiros formam pequenos grupos (14) distintos dos bahianos por alguns traços físicos mas sobretudo por suas características culturais, como no caso dos chamados "russos" e dos "árabes", e por sua especialização profissional como os espanhóis. O antagonismo entre qualquer desses grupos e os brasileiros dá lugar a moderada discriminação em alguns setores sociais mas poucas vezes se traduz por hostilidade ou segregação ativa.

Devido ao isolamento em que foi mantido o Brasil até pelo menos 1808, quando, pela primeira

(14) Espanhóis 2.115; Portugueses 1.912; Sirios, libaneses etc. 1.059; Italianos 950; Alemães e Austriacos 592; norte-Americanos 88; Russos europeus 168, etc. (1940).

vez se abriram os seus portos ao comércio internacional, e ao fato de que a Bahia nunca foi um centro de imigração européia em massa, como alguns Estados do sul, o estrangeiro é recebido por os bahianos com um mixto de curiosidade, cortesia e desconfiância. O imigrante é, no entanto, facilmente absorvido no meio, adaptando-se aos *mores* e padrões de comportamento locais. Os imigrantes portugueses, por exemplo, são colocados numa categoria especial; costuma-se dizer que não são brasileiros mas também não são propriamente estrangeiros. A não ser por ocasiões das duas guerras européias, não se registram atitudes de desgasto ou de antipatia para com os imigrantes alemães, austriacos, italianos. Os indivíduos dessas nacionalidades têm geralmente muito boa reputação porque são considerados bons trabalhadores, porque casam com brasileiras e permanecem no país quando prosperam. A imensa maioria da população, mesmo aquelas pessoas que têm queixas contra os comerciantes "russos", não alimenta sentimentos anti-semitas. Contudo quando um grupo daqueles judeus protestou contra a apresentação dum músico europeu acusado de antigas ligações com o hilerismo, a organização privada que promove concertos de musicistas célebres rejeitou "essa tentativa de interferência estrangeira ditada por preconceitos raciais", declarando que "as suas atividades patriam acima de quaisquer preconceitos religiosos, filosóficos, políticos, raciais ou de classe" (15)

(15) Nota da Sociedade de Cultura Artística da Bahia, A *Tarde*, Bahia 19. X. 49.

Aliás, numerosos israelitas são associados da referida organização.

Os "árabes" vivem um tanto isolados pelos seus costumes, mas casam com brasileiras e não se verifica nenhuma hostilidade contra os mesmos; no tempo em que alguns deles faziam vendagem ambulante de tecidos e quinquilharias, eram um tanto ridicularizados, mas isso cessou com o desaparecimento da tais *mascates*.

As irregularidades e defeitos dos serviços de electricidade na cidade são atribuídos, por muitos bahianos, ao que chamam de "descaso dos americanos pelo bem-estar do povo", como se aquelles fossem os únicos responsáveis pelo funcionamento da empresa americano-brasileira, que produz electricidade na região. A não ser por occasião das agitações politicas de 1930, quando grupos de populares incendiaram algumas dezenas de bondes da referida empresa, sem que até hoje se haja esclarecido como tal movimento foi desencadeado, não há hostilidade contra os E. Unidos, sinão entre as pessoas contrárias, por motivos politicos, ao chamado "imperialismo yankee". Mas tudo o que é ou se supõe ser americano, tem muito prestigio.

Há, todavia, um grupo estrangeiro contra o qual existe uma hostilidade de alguma intensidade, porém manifesta somente em determinados momentos e incidindo especificamente sobre o *trust* informal que aquelle representa. Trata-se dos imigrantes da Galicia espanhola, acusados de explorarem o povo com preços altos através o monopólio que exercem sobre o commercio de mer-

cearias e padarias. Nalguns momentos de tensão emocional, como em 1930 e por occasião da rápida alta de preços de gêneros de primeira necessidade ao começar a última guerra mundial, as emoções populares encontraram expressão por meio de depredações em alguns estabelecimentos comerciais de espanhóis. No entanto a attitude dos bahianos para com as pessoas desses imigrantes é isenta de irritação permanente e até observam-se inter-casamentos. E' certo, todavia, que a população attribui imediatamente aos espanhóis a carestia de certos gêneros alimenticios, sobretudo do pão, accusando esses imigrantes de "enriquecerem ás custas do povo".

As associações recreativas dos ingleses, dos espanhóis e dos sirios e libanêses são frequentadas por alguns brasileiros. Também os hospitais mantidos pelas colônias portugueza e espanhola são dirigidos por médicos brasileiros e recebem numerosos clientes bahianos, brancos e de côr.

A religião da maioria católica é tradicionalmente muito mais exterior e ritualista do que dogmática, sendo apenas nominal a religiosidade de muitos que se dizem "bons católicos". Isso constituiu uma séria dificuldade para o clero e um motivo de certo espanto para os que visitam a cidade pensando entrar em contato com "a mais católica das cidades brasileiras". Os antagonismos entre os grupos religiosos são, do mesmo modo, moderados e não afetam a coesão social da comunidade (16). A maioria católica encara com

(16) Em 1950 a população da cidade e seu municipio compunha-se de 95,4% de católicos, 1,8 de protestantes, 1,2 de espiritas, 0,2 de israelitas, etc.

ressentimento as atividades dos missionários protestantes estrangeiros, condenando particularmente "os métodos desleais empregados por alguns" e a desfiguração que fazem da Igreja. O protestantismo é combatido nos pulpitos como uma heresia mas não como um grupo de pessoas com características diferentes, ao qual se vote hostilidade. O antagonismo reciproco entre católicos, protestantes e espiritas situa-se tambem no plano doutrinário. As instituições educacionais mantidas pelos batistas e prebisterianos são procuradas por alunos católicos e gozam de prestigio por causa dos seus "métodos americanos".

Com referência aos *candomblés*, dedicados aos cultos de procedência africana, é muito generalizado o sentimento de que os seus ritos são manifestações de atrazo e barbaria que se devem suprimir por constituirem um motivo de vergonha deante dos forasteiros e dos turistas. Em um comentário sobre o turismo, um diário local pro-punha que se suprimisse dos programas de excursão a visita aos *candomblés* "porque não haverá propaganda mais negativa da quadricentária cidade brasileira com tantos outros motivos interessantes para mostrar". Esses cultos gozam de uma liberdade relativa, funcionando mediante licença policial ;por vezes têm sido prohibidos e dispersados violentamente pelas autoridades civis. Entre os pretos ha muitos que participam das opiniões dos brancos a respeito daqueles ritos, mas tambem muitos que se orgulham de sua origem africana e da participação nos referidos cultos; há mesmo quem não aceite a mistura destes com o catolicismo, afirmando ter crenças exclusivamente africanas.

As competições entre os partidos políticos só provocam tensão entre os seus adeptos durante as campanhas eleitorais. As lutas partidárias são particularmente intensas nos pleitos estaduais e não ultrapassam o nível verbal, sendo extremamente raros atualmente os casos de agressões individuais, na cidade, ou de conflitos entre grupos por desavenças partidárias. Os sentimentos etnocêntricos dos bahianos tiveram veemente expressão há alguns anos quando a maioria do eleitorado recusou-se a eleger um candidato a governador do Estado, porque entre outros motivos, o mesmo não era "bahiano de nascimento". Apesar disso, brasileiros nascidos em outros Estados têm feito carreira nos partidos bahianos, chegando a presidentes e dirigentes dos mesmos e sendo eleitos para representar o povo bahiano na Assembléia Legislativa estadual e no Parlamento nacional. O mesmo candidato há pouco referido, havia sido eleito governador alguns anos antes sem que, no momento, aquela condição de "forasteiro" tivesse influencia decisiva no pleito.

Os *mores* brasileiros condenam toda a sorte de discriminações sociais; os bahianos, particularmente os dos grupos mais educados, honram-se de suas tradições de tolerância e de liberalismo, sendo considerados o protótipo do "homem coral" brasileiro descrito pelo conde de Gobineau como "*très poli, très accueillant, très aimable*" e que um sociólogo brasileiro diz ser um mixto de brandura, tolerância e bôas maneiras.

A vida na Bahia é por uns apreciada e invejada, por outros detestada, devido ao seu ritmo

moderado, ao seu mínimo de agressividade e de espírito de competição, ao seu intransigente primarismo e aos mil mecanismos que funcionam para atenuar os antagonismos e os conflitos entre indivíduos e grupos. Dizia há anos o sociólogo francês Roger Bastide que é bom "que a Bahia não perca, por um progresso muito rápido, as qualidades de *alma* que fazem o seu encanto".

O que muito deve contribuir para diminuir a tensão entre os grupos que competem na sociedade bahiana é o desvio da agressividade em grande parte para o governo. Da mesma maneira que em todo o Brasil mas de modo muito intenso em nossa cidade, sobre o governo, isto é sobre os poderes públicos em geral, costuma a população descarregar os seus impulsos agressivos, acusando essa vaga e complexa entidade que é "o governo" de todos os males que afetam a Bahia.

No que se refere às relações raciais, verifica-se que há certo antagonismo entre pretos e mulatos. Na Bahia existe, sem dúvida, preconceito de cor porém, opina um profissional moreno, "o preconceito não é só dos brancos; com receio de ser identificado com os pretos, o mulato aproxima-se dos brancos e evita aqueles". Numerosos informantes são de opinião que "os mulatos, sobretudo os mais claros, são os peores inimigos dos outros mestiços e dos pretos. São eles os mais preconceituosos e os que oferecem mais forte resistência à ascensão social das pessoas de cor". Esses sentimentos são, em parte, formulações de antagonismos de classe entre os

morenos e mulatos claros de status elevado, "socialmente brancos", e os escuros que se esforçam por melhorar a sua classificação na sociedade.

Conta uma funcionária pública que os chefes da sua repartição, pardos de graus diferentes, costumam recomendar, quando se procuram novos funcionários, que "tragam candidatos de aparência, mas não venham com gente preta ou feia".

CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO E MESTIÇAGEM

Uma evidência muito significativa das boas relações inter-raciais da Bahia é a intensidade e a liberdade com que a mestiçagem se processa. Vivem na cidade cerca de 400 mil habitantes, dos quais aproximadamente 20 por cento são pretos, 47 por cento mestiços, na maior parte mulatos, e 33 por cento brancos. Veem-se por toda a parte pessoas de todas as idades, misturadas sem atenção aos seus tipos físicos, homens e mulheres, reunidas nos pontos mais movimentados comentando os acontecimentos do dia, apreciando o vái-e-vem das ruas ou discutindo política e esportes, bebendo nos cafés, passeando nos arrabaldes e nas praças, fazendo compras nas lojas e nos mercados, trabalhando nas fábricas, nas construções, nas casas comerciais e nas repartições públicas e escritórios, viajando nos veículos coletivos, participando das festas religiosas e das comemorações cívicas, sem o menor constrangimento. Amigos mulatos, brancos e pretos cumprimentam-se com abraços e apertos de mão e sentam-se juntos nos teatros, nas igrejas, nos cafés ou nos bondes, com a maior naturalidade. De acordo com os costumes locais, comprovados por Pierson (17), os bahianos aglutinam-se e distanciam-se

(17) op. cit., p. 421.

muito mais em função de seu *status* do que de sua cor ou raça.

A mestiçagem não é proibida por nenhuma lei nem é socialmente desaprovada sinão na medida em que afeta a estrutura de classes firmemente estabelecida no país e na qual os estratos superiores são constituídos quasi exclusivamente de brancos, isto é de pessoas de fenotipo europeio de ou apenas "socialmente brancas", e os inferiores se compõem principalmente da gente de cor, arranjo que faz coincidir aproximadamente classes e tipos raciais sem, contudo, as identificar de todo.

Desde os primeiros dias da colonização portuguesa havia na Bahia grandes quantidades de gente de cor. A principio os colonizadores misturavam-se largamente com as índias *tupí* da região, vivendo em concubinato e, não raro, em poligamia com as mesmas. Abolida, na primeira metade do século XVII, a escravidão dos aborígenes e conferidos a estes, algum tempo depois, os direitos civis e políticos, a miscigenação passou a fazer-se também pelo casamento. Ainda hoje muitas pessoas morenas explicam a sua cor acenando, gabando-se de que um de seus avós fora "pegado a dente de cachorro", isto é capturado na mata, como caça, em estado selvagem. Mas o número de indígenas rapidamente decresceu, pouco influiu na formação dos tipos bahianos. O contrário sucedeu com os africanos, trazidos aos milhares e milhares para trabalharem nas lavouras e engenhos de açúcar. A mestiçagem de por-

tuguêses e brasileiros com africanas e pretas já nascidas no país foi tornada possível e mesmo favorecida por diversos fatores, entre os quais a escassez de mulheres brancas nos períodos iniciais do povoamento, o sistema escravagista, o frouxo controle social sobre o comportamento sexual masculino, os atrativos físicos e psicológicos de muitas negras, em particular das pretas "mi-nas", originárias da Costa da Mina no Sudão ocidental. Dizia-se na época que para ver belas negras seria preciso vir à Bahia (18); um viajante europeu descreveu-as como mulheres gigantescas, de opulentas formas, parecendo "deusas antigas talhadas em blocos de mármore negro", as quais chamavam atenção pela sua "riqueza de seiva incomparável" (19).

Eram essas as mulheres preferidas pelos brancos para suas concubinas. Certos tipos de mulatas e de morenas, sobretudo quando combinavam harmonicamente os traços das raças de que descendiam, eram também muito procuradas pelos brancos.

Nenhum dos Estados brasileiros que contém grandes números de pretos apresenta índices tão altos de mestiçagem quanto a Bahia. Isso mostra que o Estado da Bahia é provavelmente o mais importante caldeirão étnico euro-africano do Brasil. Realmente é em nossa cidade e nos seus arredores, antigas áreas de concentração de escravos, que a miscigenação se realiza com maior in-

(18) F. Biard, *Deux années au Brésil*, Paris 1862.

(19) A. d'Assier, op. cit., p. 196.

tensidade. A relação entre o número de pretos e de mestiços, de acordo com o censo de 1940, é de ~~1~~ para 2,55 na Bahia ao passo que nos Estados como Minas Gerais, que têm a mesma quantidade relativa de pretos, é somente de 1 para 1,00; outros, como Maranhão e Piauí, que têm 27 e 32 por cento de pretos, aquela razão é de 1 para 0,93 e para 0,71 respectivamente. Isso decorre do fato de que na Bahia os fatores de segregação e discriminação que influem sobre os mais escuros dos seus habitantes são muito diminutos. Os números proporcionais de pretos vêm, entretanto, crescendo desde a segunda metade do século passado ao ser proibido o tráfico negroiro e particularmente a partir de 1888, data da extinção completa da escravatura, quando muitos antigos escravos emigraram para regiões mais prósperas no sul do Brasil. Atualmente, fatores sócio-econômicos desfavoráveis influem sobre as condições de vida, a natalidade e a mortalidade deste grupo, de modo a explicarem o seu gradual decréscimo (20).

Concorreram poderosamente para a aproximação e para as boas relações entre raças na Bahia, como em todo o Brasil, o tratamento de modo geral brando e humano que os proprietários dispensavam a seus escravos e a atuação do clero católico procurando desde os primeiros dias da importação de africanos incorporá-los à fé e à civilização dos portugueses. Ao contrário do que

(20) Thales de Azevedo, *Civilização e mestiçagem*, Livraria Progresso Edit.; Bahia 1951, p. 68.

ocorreu noutras nações coloniais, em que os aborígenes e os escravos importados foram mantidos em segregação como "selvagens" inassimiláveis, no Brasil o indígena e o negro eram batizados, catequizados e aceitos na Igreja como homens. Muito embora escravos, os negros batizados deixavam de ser considerados "brutos" para serem "cristãos" como os povoadores europeus, não sofrendo hostilidade nem discriminação religiosa. Eram instruídos na doutrina cristã, esforçando-se os pregadores por falar-lhes nas suas línguas, em particular no *naçó*, que veio a ser uma espécie de língua franca em que africanos de diversas procedências podiam entender-se; casavam-se entre si e assim casados Igreja os protegia quando os seus proprietários pretendiam separar os cônjuges ou vender isoladamente um deles; recebiam os sacramentos; serviam como padrinhos e madrinhas nos atos religiosos e participavam como acólitos nas cerimônias litúrgicas; desfilavam nas procissões com os estandartes e as insígnias de suas irmandades e confrarias; eram enterrados em cemitérios cristãos, sendo obrigados os senhores de escravos a chamar a tempo o sacerdote para assistir os moribundos. Não quer isto dizer que as suas vidas fossem isentas de sofrimentos nem que os negros se houvessem integrado completamente no catolicismo. O clero, os proprietários e as autoridades civis sempre lhes deixaram certa liberdade para alguns atos de seus cultos pagãos, não os constrangendo com violência á aceitação da religião oficial. Permittiam-lhes igualmente divertirem-se a seu modo, com as danças, os cantos, os batuaques, as comidas a que estavam acostuma-

dos nas suas terras. Disso deriva o catolicismo algo mesclado de crenças e práticas fetichistas que é a religião de grande parte da gente de côr bahiana (21).

Por efeito da mestiçagem e de outros fatores sócio-biológico o grupo mais escuro, de fenotipo preto, vem sendo absorvido gradativamente no caldeamento étnico; os brancos aumentam em ritmo um pouco mais rápido, enquanto cresce o número de mestiços, registrados nas estatísticas como pardos, para afinal virem a submergir, pela mistura, no grupo de ascendência predominantemente europeia (22). "Já nossos avós diziam que ha crioulas de "barriga limpa". Seus filhos, sendo também filhos de homem mais claro, puxam ao pai. Talvez a Bahia seja uma cidade com muitas pretas e mestiças de barriga limpa. Todos notam que marchamos para uma população totalmente mestiça, mas com aparência de branca" (23).

Pelos dados de mortalidade geral registrados entre 1897 e 1938 (24), vê-se que as quantidades proporcionais de cada tipo fisico variaram em nossa cidade da maneira abaixo indicada:

(21) Roger Bastide, "Religion and the Church in Brazil", in *Brazil, portrait of half a continent*, p. 334; Thales de Azevedo, "Catholicism in Brazil," *Thought*, N. Y., Vol. XXVIII, N.º 109, 1953.

(22) Pierson, op. cit., p. 417.

(23) J. Valadares, op. cit., p. 91.

(24) Rabelo Leite in "A tuberculose do preto na Bahia," Cesar de Araujo, *Anais do 1.º Congresso Nacional de Tuberculose*, 1939, vol. I; cer também E. F. Frazier, "The Negro family in Bahia, Brazil", *Am. Sociological Review*, vol. VII, n.º 4, 1942, p. 467.

PORCENTAGENS DOS TIPOS ÉTNICOS

Ano	Branços	Pardos	Pretos
1897	32.61	29.00	38.39
1907	32.71	34.74	32.55
1917	32.81	39.55	27.64
1927	32.91	43.61	23.48
1938	33.02	47.37	19.61
1940 (*)	28.74	51.11	20.13

(*) Dados do censo nacional, que diferem das cifras sobre mortalidade em virtude da diferença de critérios na classificação dos tipos físicos.

O crescimento moderado porém contínuo do grupo branco, pela incorporação dos mestiços branqueados e pelas melhores condições sócio-econômicas das camadas superiores da população, de que participa a imensa maioria dos descendentes de europeus, faz com que descreça no cômputo total a quantidade relativa de pessoas de côr, ao mesmo tempo que estas passam a ser representadas por uma proporção cada vez maior de mestiços. É o que evidenciam os censos demográficos:

Anos	Número de pessoas de côr para 1 branco	Número de pessoas para 1 preto
1807	2.57	0.38
1872	3.16	1.88
1890	2.84	2.70
1940	2.57	2.55

Tamanha é, na verdade, a intensidade da mestiçagem, observou um renomado intelectual bahiano, "de fato tão profusa que, por assim dizer, é apenas histórico o autóctone branco-fino" (25).

(25) Prado Valadares, *Remirando o côr*, Bahia 1938.

OPINIÕES SOBRE A GENTE DE CÔR

A existência de tanta gente de côr em sua terra não constituiu uma preocupação de que fa-lem frequentemente ou uma inferioridade para os bahianos. Os livros didáticos adotados nas escolas primárias e secundárias, os políticos em suas campanhas, os pregadores nos sermões, os jornais diários em editoriais e notícias referem-se à valiosa contribuição dos escravos africanos para a economia brasileira e exaltam os traços de personalidade como a "bondade natural", a doçura, a resignação com que os mesmos enriqueceram a psicologia do povo (26). No folclore, na propaganda turística, nas caricaturas que acompanham as críticas políticas a Bahia é geralmente representada como a "mulata bahiana", com o traje característico das mulheres ligadas ao *can-doble*. Mesmo em publicações destinadas à divulgação no estrangeiro as autoridades não ocultam a alta quota de descendentes de africanos da população local (27).

(26) "Nós aprendemos, desde os bancos das escolas primárias, que um homem vale tanto quanto outro e que é preciso combater os preconceitos de raça e de côr", A. Os-mar Gomes, "A degenerescência da diplomacia", *A Tarde*, Bahia 31. XII. 51.

(27) cfr. *Impressões do Brasil no século vinte*, Lloyd's Greater Britain Publishing Co. Ltd., Londres 1913, p. 873.

Condenando a atitude de um professor acusado de ter feito referências humilhantes a uma aluna de côr, um jornal bahiano escreveu que, se não houvesse outros motivos para repelir as discriminações raciais na Bahia, "haveria a grande contribuição que a raça negra emprestou à sua civilização, ao seu desenvolvimento". Aquele, em sua contestação, afirmou também que reconhece o mérito "de vários homens de côr que tanto se elevaram na sociedade pelo seu valor pessoal, proveniente de estudo e trabalho" (28)

Alguns autores, entretanto, manifestaram no passado, sob a influência de teorias biopsicológicas extremadas, a crença de que a gente de côr era um mal para a Bahia devido à "inferioridade psíquica" do negro. Um daqueles considerava os pretos "uma vasa refratária à civilização" e condenava a mestiçagem porque "em todos os países colonizados pelas espécies brancas e coradas, ha essa divergência substancial entre os fins da civilização e os ímpetos selvagens dos indivíduos mestiços ou de sangue inferior. Civilizados, ou não, os indígenas, os africanos e seus descendentes não perdem de todo os costumes bárbaros" (29). Ainda hoje essa crença é bastante aceita, embora exteriorizada muito discretamente nas conversas e quasi nunca formulada por escrito; um intelectual que se considere "progressista", mesmo que assim pensasse, evitaria dizê-lo abertamente em público. Ouve-se, às vêzes, dizer que o lento desenvolvimento econômico e a resistência da Bahia

(28) *A Tarde*, Bahia 25 e 28. VIII. 51.

(29) Sá Oliveira, op. cit.

à mudança cultural são devidos ao grande número de pretos da sua população "porque o preto não tem ambições". Só não pensa desse modo, insinua um economista em artigo sobre as vantagens da imigração estrangeira, quem "desconhece nossos precedentes históricos, econômicos e raciais". Durante a escravatura, continua argumentando, os pretos viviam como bestas de carga; "ignorantes até à animalidade, sem nenhuma organização familiar, que a sua condição servil impedia, para aqui trouxeram numerosas enfermidades endêmicas e práticas de baixo fetichismo do seu continente de origem"; finalmente, "com a Abolição, os escravos abandonaram os campos e vieram para as cidades para, em grande número, acabaram por esmolar, pilhar, darem-se a toda ordem de vícios e disseminar moléstias várias" (30). Noutras partes do Brasil não raro se exprimem os mesmos conceitos sobre o nosso Estado. Um escritor de muito renome escreveu no Rio de Janeiro, cerca do meiado do século passado, o seguinte: "Faça-se um paralelo entre o desenvolvimento da provincia da Bahia, que possuiu relativamente o maior número de negros, e o Rio Grande do Sul, que contém os maiores núcleos de colonos europeus. Enquanto a agricultura, o comércio e as rendas da primeira definhavam o olhos vistos, a outra prospera em tudo..." (31). Esse autor esquecera as perturba-

(30) Mario Campos, "Imigração escola", *A Tarde*, Bahia 10. XI. 51.

(31) A. C. Tavares Bastos, *Cartas do solidário* (1862), 3.ª ed., Rio 1938, p. 164.

ções que a economia bahiana vinha sofrendo desde a suspensão do tráfico escravagista e da adoção, na Europa, do açúcar de beterraba com a cessação quasi completa da importação do açúcar de cana, base da riqueza da nossa cidade.

Com relação aos mulatos, enquanto uns afirmam "que não haverá um capítulo da nossa história, política ou social, em que não brilhe com especial esplendor, a personalidade altamente respeitável de um mestiço", segundo as expressões de um professor universitário bahiano, (32) outros fazem-lhes, com certos elogios, fortes restrições. Um jurista e literato de projeção (33) considerava excelente a descrição do mulato feita por outro autor bahiano: "Os mulatos são em geral vaidosos, inteligentes e inclinados aos prazeres da vida mundana... Têm excelente coração" (34).

Embora muitos considerem o preto inferior quanto à inteligência, quasi ninguém põe em dúvida o talento e a capacidade intelectual dos mulatos. "Se tomarmos as qualidades intellectuais e morais caracteristicas do homem civilizado moderno, que têm expressão clássica no europeu, como sejam a universalidade do horizonte mental, o espirito lógico e sistemático, a capacidade técnica, a tenacidade e a energia na luta pelos direitos individuais ou sociais, e se procurarmos no Brasil, diz outro economista bahiano, os homens

(32) Pinto de Carvalho, "Pretinhos", *A Tarde*, Bahia 8. XI. 21.

(33) Almachio Diniz, *História racial do Brasil*, S. Paulo 1934, p. 155.

(34) Sá Oliveira, op. cit., p. 21.

representativos, isto é, as nossas maiores expressões humanas, encontramos muitos pretos e mulatos". E conclui afirmando que os afro-brasileiros não são inferiores aos descendentes de imigrantes provenientes de povos mais altamente civilizados e mais puramente brancos (35). Os mulatos seriam, entretanto, exagerados no falar, preocupados em se mostrarem eruditos. É representativo dessa opinião o comentário de um jornalista sobre certo político: "Sem complexos nem recalques... raciocina friamente, o que é espantoso num curiboca roxo (*) como êle. Sem a tropicalidade verbal dos mulatos bem-falantes... é mentalmente um nórdico, expando suas idéias sem as complicações cerebrinas tão do agrado dos morenos bacharéis de nossa terra" (36). As opiniões sobre o mulato, muito particularmente sobre aquele que procura elevar-se e classificar-se por meio de atividades intelectuais, fazem ênfase sobre os pontos fracos da sua personalidade e quasi sempre dão uma interpretação depreciativa ao seu caráter. Um crítico literário baiano, comentando as obras do maior romancista brasileiro, Machado de Assis, assim formu-

(35) Rômulo Almeida, entrevistista a *Diário Trabalhista*, Rio 28.II.1946.

(*) *curiboca* — mestiço de índio e preto; *roxo* — vermelho azulado, tom quente e sombrio da pigmentação cutânea de certos mestiços.

(36) Rubião Braz "O riso da Assembléa", *Diário de Notícias*, Bahia 30.XI.51; quanto àquela tendência para o uso de uma linguagem rebuscada parece ser uma forma de compensação do sentimento de inferioridade, diz V. L. Bircundo, "Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo", *Sociologia*, vol. IX, n.º 3, S. Paulo 1947, p. 211.

lou tal concepção: "o de que o nosso mestiço ainda está carregado, por efeito dos resíduos acumulados em sua alma pelo desenvolvimento social, é de defeitos de temperamento, de psicologia e de caráter, com reflexos evidentes sobre a vida mental. Se o mulato brasileiro é intelectualmente capaz e às vezes superior, ainda não é bom, não tem estabilidade ou equilíbrio inferior, fortaleza de caráter. É do ponto de vista moral e psicológico que êle denota ainda uma grande inferioridade que não pode deixar de refletir-se na harmonia social, dada a influência que a vida brasileira dele recebe" (37).

Por tudo isso os vocábulo "mulato" e "mestiço" podem ser empregados para dar ênfase às más qualidades morais de uma pessoa de côr, como se a sua pigmentação e os seus traços étnicos agravassem os seus defeitos. Numa discussão pelos jornais, alguém referia-se a "essa mulatagem que te apoia" e concluia, numa questão que nada tinha com o problema racial, aludindo depreciativamente a "êsse mestiço que te anda apoiando" (38). Um epigrama anônimo sobre certo intelectual, que ha poucos anos se divulgou na cidade, começava pelas palavras "mulato pachola..." (*)

(37) Afrânio Coutinho, *A filosofia de Machado de Assis*, Rio 1940, p. 80.

(38) *A Tarde*, Bahia 5.XII.51.

(*) *pachola* — preguiçoso, vaidoso e exibicionista, qualidades que se atribuem muitas vezes aos mulatos letrados, a tal ponto que o qualificativo injurioso de "pachola" quasi só se aplica atualmente a pessoas desse tipo físico.

Não existe, apesar disto, uma hostilidade ativa contra o mulato como um grupo. Aquelles julgamentos são estereótipos aplicados principalmente a indivíduos que, em virtude sua educação superior ou de aspirações mais ambiciosas de que as do seu grupo, procuram destacar-se na esfera intelectual, acontecendo que nalguns casos trata-se de pessoas que realmente compensam o seu sentimento de inferioridade com comportamentos e maneiras de falar exagerados.

A CÔR É UM SIMPLES ACCIDENTE

A locução "preto de alma branca" é tão empregada na Bahia quanto no resto do mundo onde se creê que um preto para ser bom deve ter as qualidades do branco. O mais significativo é que essa concepção tem adeptos mesmo entre a gente de côr.

A mãe, morena, de uma informante diz que "o negro é preto por dentro e por fora" e que ela, se tivesse de casar novamente, não o faria com um homem como o seu marido. Na publicação com que uma associação de pretos comemorou, fazem vinte anos, o primeiro centenário da sua fundação, lê-se, logo á primeira página, que "se percorreremos o arquivo da Sociedade, folheando os seus livros, encontraremos o contraste da sociedade, homens pretos com ideais nobilísimos, caratères perfectos, sentimentos irreprováveis, sobretudo projetos de futuros importantísimos" (39). Felizmente há também os que negam a inferioridade intelectual e moral do negro. Num artigo anexo aos estatutos de outra organização de gente de côr explica-se que "o que acontece, porém, é que o negro por ser pobre falta-lhe a tranquillidade espiritual necessária, a que se dê no seu espirito a evolução do pensa-

(39) Relatório da Sociedade Protetora dos Desvalidos, Bahia 1931-1934.

mento, como se dá no homem branco cercado de conforto e de toda felicidade. E assim, sem meios de educação o torturado sempre pela injustiça que o persegue, deveria tornar-se mais um revoltado que o colaborador eficiente que o é, o elemento de ascensão permanente no aperfeiçoamento moral e intelectual da população brasileira" (40). Há nestas sentenças, ao lado duma queixa, a repulsa à teoria da inata inferioridade mental do negro e à idéia de que haja contraste entre a cor da pele escura e os ideais nobilíssimos.

As pessoas de cor repetem muitas vezes que "a cor é um simples acidente", locução de uso muito antigo na Bahia (41). Num discurso em que denunciava uma decisão da Sociedade das Nações sobre o tratamento diferencial a ser dado a várias raças humanas, um prestigioso intelectual mulato escuro, falando como presidente de importante agremiação científica, dizia que "deixar o direito do homem, a própria dignidade humana, à mercê de um acidente de cor é renegar séculos de luta dos mais gloriosos da história da civilização". (42) O juiz preto, que lidera uma associação de pessoas de cor, também é de opinião que "a cor é um acidente em que não se repara entre nós". Essa a razão porque as famílias de cor das classes mais altas dizem que procuram não desenvolver nas crianças a consciên-

(40) Estatutos da Sociedade Henrique Dias.

(41) A. Moniz de Souza já empregava essa expressão em "Viagens e Observações", (1834), in *Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia*, N.º 72, 1945, p. 133.

(42) Teodoro Sampaio, in *Rev. Instituto Geogr. e Histórico da Bahia*, n.º 45, 1919, p. 179.

cia do seu próprio tipo físico, e quando o fazem, nem sempre associam a essa noção um sentimento de inferioridade ou ressentimento. Refere um preto que ouvia os seus pais fazerem comentários sobre a desvantagem de serem escuros, mas o modo como falavam não era amargo nem hostil. Um educador pardo pensa que não se deve esconder da criança a idéia de que é de cor porque esta "é meramente física e, portanto, não tem valor". Diferente é a atitude duma moça igualmente parda, cujo pai branco, apesar de casado com mulata, não gosta de gente de cor; ela também não gosta de gente escura, embora diga que não se envergonha de sua "qualidade". O seu sentimento de inferioridade revela-se claramente ao dizer que tem um amigo, filho de sírios, que "apesar de ser de raça superior à sua", deseja esposá-la.

Nalguns indivíduos a consciência de classe supera a consciência de cor ou de raça. Conta um funcionário público mulato que, durante a sua infância, nunca se sentiu diferente dos seus companheiros de escola e de brinquedos numa cidade do interior do Estado; somente quando a sua família tornou-se mais pobre é que reparou que era mulato. Sua própria mãe chamou atenção para a diferença que havia entre ele e seus amigos, mas os que eram do seu tipo e tinham dinheiro continuaram a se considerar e a serem tratados como brancos.

A extrema pobreza em que viveu a sua mãe iniciava com que um economista, mais escuro que aquele funcionário, nem sequer pensasse em sua cor: "era uma pobreza que não deixava pen-

sar no assunto". Também um intelectual escuro diz que até à sua adolescência não cogitava no seu tipo; nenhuma das experiências anteriores àquela época está associada à consciência de sua cor. O mesmo parece acontecer com as crianças brancas, permitindo que estabeleçam relações primárias duradouras com companheiros de escola e de grupos de jogos sem discriminação por tipos físicos. Diversos informantes bastante escuros referem que até hoje conservam muito boas amizades feitas, no tempo de escola, com pessoas brancas finas. Mesmo entre adultos há quem afirme não ter sempre presente à consciência o seu tipo. Declarou um professor elementar que não vive preocupado com a sua pigmentação porque não julga que as suas dificuldades ou os seus êxitos profissionais tenham relação com aquela condição. É claro que afirmações dessa natureza não podem ser, em todos os casos, tomadas em sua significação aparente; elas podem ser reações de defesa às indagações do pesquisador social.

Há, porém, pessoas que não conseguem diminuir o sentimento de inferioridade resultantes da condição de "escuro". "Basta um olhar para perturbar uma pessoa escura", diz um estudante universitário muito preto. Antigamente quando o chamavam de "negro", irritava-se e sentia-se humilhado. "Mas já venci isso; também eu posso chamar os outros de "branco", sem zanga, quando vejo que apenas pilheriam comigo". Existe, sem dúvida, "um ligeiro recalque" entre os pretos, "mas não é intenso e deve ser vencido", esclarece um advogado mulato; esse sentimento,

prossigue, pode desenvolver uma atitude de subserviência como no caso de um seu colega, da mesma cor, muito competente e trabalhador, que não se atreve a advogar independentemente, continuando como simples assistente de um profissional branco. Ha mesmo pessoas que dizem ter orgulho de sua cor. Uma moça de *status* algo elevado afirma que não tem ressentimento algum de ser preta e que faz questão de que em todos os seus documentos fique registrada a sua verdadeira "qualidade". Esta pode ser também uma reação defensiva, tanto mais que a informante tem uma personalidade nitidamente marcada de frustrações ligadas à sua condição física.

Conta-se que alguém vacilava quanto ao termo com que deveria classificar, em um documento oficial, a cor de um conhecido profissional; percebendo o seu embaraço, êste observou que escrevesse "mulato", "porque mulato é que eu sou, no duro".

Ha pessoas que são acusadas de se isolarem por não quererem viver no mundo "inferior" a que pertencem por sua pigmentação. Isso provoca certo ressentimento da parte de pretos que atribuem aquele comportamento à vergonha que tais pessoas sentem do seu tipo e a não desejarem ser vistas "entre os da sua qualidade". É comum isso, afirmam os informantes, entre mulheres de classe média ou alta. Mas a tendência para aceitarem ou adotarem essa segregação não é geral. Um funcionário preto retinto conta as suas experiências: "Os problemas raciais não incidem em mim. Sou muito bem recebido em

toda a parte, inclusive entre famílias muito distintas que fazem questão da minha amizade e a cujos filhos dou aulas de português. O preto educado tem um ingresso relativo em todos os lugares. Entre os homens não se fazem discriminações; nas mulheres é que se sente franca discriminação. Algumas chegam a ser descortêzes, deixando de apertar a mão dos pretos que encontram entre brancos. Aliás, quando gostam de um homem escuro, são capazes de loucuras". Sem embargo, acrescenta, "em certos meios sinto-me isolado". Vale registrar que êsse infornante é um dos poucos que se queixam de discriminação, mas fá-lo, como a maioria, sem rancôr e dando a entender que se sente compensado pelas boas relações que mantém na importante repartição estadual em que trabalha e onde tem ocupado postos de chefia e comissões de responsabilidade entre colegas brancos.

Geralmente os pretos conversam calmamente e como que sem muitas reservas com o pesquisador social, revelando certa segurança psicológica e boa adaptação às circunstâncias bahianas. Há, contudo, exceções. Um profissional, com quem se diz haverem sucedido incidentes por motivo de sua côr, mostra-se reticente e um tanto reservado. "Ele sente-se inferior por ser preto", dizem outros pretos, e "por isso provoca frequentes casos".

Os informantes afirmam que há mulatos que, receiosos de se vir a conhecer a sua procedência, evitam aparecer em companhia dos próprios páis escuros. Um jovem profissional, muito

conceituado, é alvo de elogios porque não tem êsse preconceito; apesar de casado com uma branca, anda por toda a parte com sua mãe, uma preta retinta, e apresenta-a aos seus amigos. Ao contrário disso, outro profissional da mesma "qualidade" é censurado porque, segundo alguns, "não quer ser preto e para isso oculta a sua velha mãe". Também certo preto é considerado preconceituoso e "racista" porque prefere andar entre brancos e gosta de apresentar-se de público com mulheres alvas e louras ainda que de má reputação. Colegas seus, da mesma profissão e status, consideram-no um ressentido que "tem vergonha de ser preto". E como êste, comenta-se, há muitos outros que, se pudessem, seriam brancos.

Não há dúvida alguma que há brancos, e mesmo mulatos claros e escuros, que tratam os pretos e as pessoas humildes de côr com certo ar de superioridade. Mas difficilmente fazem-no com pessoas do seu próprio nível social. Lançar em rosto de um preto que ele é inferior por causa de sua côr seria uma grave quebra dos *mores* que regem as relações entre indivíduos de tipos diferentes na Bahia. Um educador moreno, originário de um Estado do norte, diz que durante os nove anos que viveu na Bahia reparou nêsse respeito mútuo entre pessoas de "qualidade" diferente, contanto que sejam do mesmo status; em sua terra as pessoas de côr são tratadas com desprezo.

Nas camadas mais altas da sociedade bahiana, dizem os informantes, em geral a pessoa de côr não sofre humilhações. Pode, contudo, não

ser reconhecida como um membro dos grupos de mais prestígio. Um profissional preto retinto irrita-se porque, na organização em que trabalha, muitas pessoas, que não o conhecem, dirigem-se a êle como se fosse a um servente ou empregado de categoria inferior. Uma funcionária pública expressa-se, todavia, dizendo que ela e a sua família sentem-se felizes e não atribuem nenhuma dificuldade à sua condição de mulatos escuros. "Se não segui uma carreira, como desejava, é porque meu pai era pobre e morreu cédo. Por isso, sempre digo em nossa casa que não devemos falar certas coisas... Ouço certas pessoas dizerem que sofrem por causa de côr, mas tenho muita ddivida sobre isto".

Nas jóvens, de ordinário mais conformadas que os homens com as discriminações que sofrem, e menos expostas a estes, o sentimento de inferioridade pode ter formulações peculiares, como no caso de uma estudante universitária que afirma não ter desgosto de ser escura, "mas gostaria de ser menos feia". Embora não o dizendo, uma profissional preta deixa perceber a mesma frustração, contando que ficava muito aborrecida, quando era mais jóvem, de ouvir dizerem que ela era "uma pretinha bonitinha".

Um aspecto importante do problema é que os pretos e mulatos escuros do operariado urbano, á medida que adquirirem consciência de seus direitos civis e políticos, se mostram menos inclinados em seu comportamento deante dos brancos e não é sem ressentimento para muitos destes que "estes negros ousados" falam alto na rua, passam á sua frente e não lhes cedem o logar nos

veículos coletivos, o que representa uma forma de agressão aos que têm as características físicas e sociais do grupo dominante.

Não obstante isso pode suceder que os pretos evitem usar a sua côr como insignia de seu próprio grupo. Uma importante agremiação de assistência mútua entre pretos tem como emblema duas mãos brancas que se apertam como símbolo de solidariedade intra-grupal; em um dos seus relatórios essa mesma organização representou as suas atividades por meio de uma figura, adrede-mmente mandada desenhar, de uma mulher branca carregando uma criança branca e sendo abraçada por outras duas crianças igualmente alvas de traços inconfundivelmente eurpóides (43).

(43) Sociedade Protetora dos Desvalidos, Relat. cit.

UMA SOCIEDADE MULTI-RACIAL DE CLASSES

A estrutura de classes da Bahia não foi ainda descrita e analisada do ponto de vista sociológico, a não ser muito sumariamente por Donald Pierson (44). Em traços esquemáticos, como mostrou este pesquisador, a população bahiana tem uma classe "superior", da qual fazem parte os descendentes da velha aristocracia, os grandes proprietários e comerciantes, os intelectuais e profissionais como advogados, médicos, engenheiros, os políticos, os oficiais das forças armadas, os poetas e jornalistas, os professores da Universidade e os poucos industriais que a Bahia tem produzido, e uma classe "baixa", constituída da gente mais pobre, das profissões modestas, braçais e manuais. Existe também um estrato, a que não se poderia rigorosamente denominar de classe média, mas de grupo intermédio, com os pequenos empregados, funcionários públicos e comerciantes.

Conquanto a "localização" social, em outros termos o *status* dos bahianos dependa do seu nascimento, não há dúvida que a ascensão social processa-se por livre competição de tal maneira que pretos e mestiços, como indivíduos, podem, "em vista de seu mérito individual ou de circuns-

tâncias favoráveis, melhorar sua condição social e mesmo conseguir uma posição nas camadas "superiores" da sociedade, e esta posição será relativa não somente ao seu grupo de côr, mas à comunidade total" (45).

A maioria das pessoas de côr vive, como toda a classe baixa, em bairros pobres nos contornos da cidade ou em pequenos aglomerados de casas modestas intercaladas nas áreas residenciais das classes mais altas; porém nestas vivem, ao lado dos brancos, muitas famílias de côr de *status* intermédio ou superior. As pessoas de côr são aceitas, segundo os seus recursos econômicos e a sua educação, nos hotéis e mais facilmente nas pensões das diversas categorias, e podem frequentar livremente os restaurantes e cafés, as casas de chá, os *cabarets*, participando, não raro, de mesas onde encontram amigos brancos.

Os jornais e as revistas noticiam os aniversários, os casamentos, as formaturas, os nascimentos dos filhos, a chegada de uma viagem, as manifestações e homenagens recebidas, ou o falecimento de quaisquer pessoas sem mencionarem o tipo físico destas ou separá-las pela côr, estendendo também os seus retratos indistintamente. E quando alguém não tem prestígio suficiente para que os jornais publiquem uma notícia a seu respeito, pode conseguir o aparecimento do seu nome e até seu retrato, mediante pagamento, na mesma seção que os periódicos dedicam àquele gênero de notas. Poucas pessoas, diz um branco,

(44) Op. cit., p. 64.

(45) Pierson, op. cit., p. 419, 422; ver também Frazier, loc. cit., p. 477.

tiveram mais prestígio na sociedade bahiana pelas suas maneiras finas e seu modo de vestir elegante, do que há alguns decênios gozaram um professor da Faculdade de Medicina e sua esposa, ambos mulatos.

Entre as famílias mais altamente classificadas na actual sociedade bahiana há muitas, afirma uma informante morena, que têm "casta", isto é que são mestiças, muito embora seja indiscreto chamar atenção para os traços físicos ou para a origem de tais famílias. Não havendo propriamente castas, mas simplesmente classes, as pessoas de côr ingressam no mundo dos brancos mesmo que tenham traços acentuados; necessitam, porém, identificar-se com os padrões de comportamento do grupo "superior". Para mostrar que já nasceu identificada com os brancos, uma profissional preta explica que é filha de um preto que foi criado "num ambiente outro que o da senzala". Ela considera-se uma criatura privilegiada por Deus pois tem tudo o que quer. "Dou-me com todo o mundo e com a melhor sociedade. Seleciono os meus amigos em todas as classes. Frequento os clubes e o palácio do Governador. Ainda há pouco, disse, os jornais publicaram meu retrato ao lado do Governador do Estado num almoço que um amigo meu oferecera áquêle".

Os brancos esperam que as pessoas de côr, especialmente as mais escuras, sejam comedidas em seus gestos, modestas e que, apesar dos seus méritos pessoais, guardem certa distância delas. E aquelas sabem muito bem de tudo isto. Um profissional mulato diz, por exemplo, que só vai aonde a sua presença é necessária. "Muitas ve-

zes, diz um preto, o preto não encontra barreiras porque, sabendo do preconceito, não vai a certos logares". Outro preto, um profissional, é de opinião que as pessoas de côr, para subirem socialmente, "devem evitar certas coisas". Algumas dessas coisas, segundo vários informantes, são as atitudes agressivas, os modos perniciosos e afetados, os gestos espalhafatosos, a pôse. "Na verdade é a atitude de certos pretos, pensa um mulato escuro, que desperta a animosidade dos brancos; há pretos que são muito espalhafatosos, ridículos". Determinado profissional "seria melhor aceito se não fôsse tão agressivo e exhibicionista. Ele faz questão de sentar-se entre os dirigentes das associações a cujas reuniões comparece e sempre quer aparecer nas fotografias. Por ocasião da homenagem prestada a um visitante ilustre, êle tomou lugar, antes da sessão começar, na mêsã da presidência, causando irritação com isto aos directores da associação, alguns dos quaes têm consciência de que não são brancos".

Numa sociedade de tradições aristocráticas, como a bahiana, a etiqueta no trato entre pessoas de níveis sociais diferentes é muito importante. Uma pessoa "adeantada", que ultrapassa os limites que lhe são fixados por seu *status* ou por sua situação de extranho, usando inadequadamente de maneiras que revelam intimidade ou identidade de posição, é sempre mal vista mesmo que seja branca. Peor ainda se é de côr, porque não só é tida como mal educada porém como "ousada", capaz de "tomar muita liberdade" com pessoas que não conhece ou que "não são da sua

classe". E usada neste sentido a palavra "classe" significa posição social muito baixa.

"As resistências à ascensão dos negros, diz alguém "quasi preto", explicam-se pela sua falta de educação e de maneiras. Com os mulatos sucede o mesmo, porque se uns são excessivamente humildes e submissos, outros são pretenciosos, viciosos, exagerados em seus modos, ansiosos por se mostrarem". Um profissional preto repete aproximadamente as palavras de outro Dr., de acordo com o qual "não ha influência direta da côr, ha conseqüências. As pessoas de côr, pela sua origem, são humildes, têm hábitos especiais e pouco preparo. Os seus modos chamam atenção e desagradam aos educados. Por isso os daquela classe que se destacam sofrem a influência dos conceitos que se fazem sobre os mesmos. Quando se vê um preto subir e se vái tratar com êle, fica-se em dúvida se terá as mesmas maneiras dos deseducados. Só quando se chega a conhecê-lo é que desaparece a impressão".

Não menos importante é a adesão aos padrões de moralidade das classes mais altas. Seguindo um profissional mulato, muito concentrado e experimentado, "quem se respeita é respeitado, seja qual fôr a sua côr" (46). Um caráter arçável facilita também a ascensão e o convívio

(46) Entre os iorubanos, que constituiram uma parte considerável dos escravos africanos importados pela Bahia, frequentemente se ouve dizer, em discussões sobre posição e classificação social, que "one respects the one who respects himself", *cf.* W. R. Bascom, "Social status, wealth and individual differences among the Yoruba", *Am. Anthropologist*, vol. 53, n.º 4, part 1, oct-dec. 1951, p. 504.

com os brancos. Tanto entre estes como no meio dos escuros diz-se que certo educador mulato escuro é muito estimado por causa do seu bom gênio, de sua maneiras brandas e comedidas; também o êxito de um profissional preto é atribuído ao seu temperamento comunicativo, à sua jovialidade, ao seu bom humor constante.

Mas como o problema de relações inter-raciais é, na opinião de muitos, mais uma questão de classe do que de raça, dominando "o primado da cultura e da classe", pode-se dizer, acompanhando um educador mulato, que "tendo dinheiro, ilustração, maneiras o preto pode subir". Esta síntese não abrange, apesar de tudo, a totalidade dos aspectos do problema. Uma profissional bastante pigmentada acredita que "o preto para subir socialmente necessita ter talento e amizades."

Realmente as boas relações pessoais e familiares são muito importantes para tudo na Bahia, nos negócios, na administração pública, na política. Ensina um rifão quotidianamente repetido pelos brasileiros que "mais vale um amigo na praça do que dinheiro na caixa"; por isto qualquer assunto se encaminha melhor quando o interessado traz "uma apresentação pessoal" de um amigo daquele com quem vái tratar. Aquela informante insiste em explicar que não crê que o dinheiro tenha grande influência para a ascensão social das pessoas de côr; ela conhece diversas dessas pessoas com fortuna e até formadas, as quais nunca alcançaram subir. "Porque, para subir, é preciso não ter complexo de inferioridade. Há muitos, porém, que têm receio de se aproxima-

marem dos brancos de classe alta e que transmitem aos filhos estes sentimentos”.

O fato da côr preta lembrar os antigos escravos é invocado por muitos como explicação para as dificuldades que os mais escuros encontram para atingir um *status* elevado. “Emergidos ha pouco dos abismos da escravidão, informados ha pouco dos abismos da escravidão, informa um sacerdote mestiço, raros são os negros que conseguem guindar-se às posições ou níveis elevados. Com relação aos mulatos ou “morenos” (não propriamente negros), podemos dizer que vivem de parceria com os brancos em todos os sentidos, ao menos aqui na Bahia”. A mesma observação faz um médico: “Nesse particular os morenos acham-se em situação equivalente à dos brancos. Entretanto não é justo afirmar-se que os pretos podem subir facilmente aos mais altos cargos da administração pública ou comercial, aos cargos mais importantes, a posições de destaque nas profissões mais prestigiosas. Quanto aos mulatos, alguns existem nas situações referidas, não se podendo deixar de reconhecer que para os mestiços, cuja côr se acha mais próxima da negra, a pigmentação cria obstáculos às diversas carreiras mencionadas. Porém os mestiços de cabelos lisos e côr próxima à da raça branca, poderão vencer nos diversos ramos da atividade humana, sem embaraços de natureza étnica”.

Sem embargo de todas essas dificuldades, as pessoas de côr, sobretudo as mais claras e de traços mais europoides, podem adquirir *status* tão elevado quanto os brancos. Como se verá nos capítulos seguintes, elas podem casar-se com brancos segundo sua posição social, podem al-

cançar proeminência nas profissões liberais, na intelectualidade, podem ser admitidas em organizações existentes para exprimir prestígio e *status*, o que confirma a tésé já provada por Pierson de que “o que encontramos na Bahia é uma sociedade multi-racial de classes” (47).

A ascensão social das pessoas de côr, apesar de se processar com relativa facilidade, não é sem consequência para os que a atingem. Ela assemelha-se um tanto ao “passing” dos negros norte-americanos (48).

As pessoas que assim sobem não somente experimentarão dúvidas e dificuldades quanto à sua situação, como são alvo de ressentimento por parte de muitos que permanecem nos estratos inferiores da sociedade. Uma vez que, para adquirir *status*, o escuro necessita assimilar-se cultural e socialmente ao branco adotando a sua “epiderme social”, êle é muitas vezes censurado por ser “meio a branco” ou por “não querer ser de côr.” Vários informantes apontaram alguns indivíduos de côr que são assim julgados e que certamente se recusariam a ser entrevistados para esta pesquisa. Alguns, realmente, esquivam-se de falar sobre os problemas raciais, desviando politicamente a conversa para outros temas sob a alegação de que nunca repararam no assunto e de que o mesmo não tem importância entre nós. O Autor, com a sua experiência de vida no meio

(47) op. cit., p. 408.

(48) Sobre as vicissitudes do “passing”, cfr. Wirth e Goldhamer in O. Klineberg, *Characteristics of the American Negro*, N. Y. and London (1944), p. 301.

bahiano, teve mesmo certa vacilação em aproximar-se das algumas das mencionadas pessoas. Nalguns casos verificou que as referidas imputações são apenas atitudes de ressentimento dos informantes contra indivíduos que subiram muito ou que, não conhecendo de perto, julgam ter os feitos referidos. Vários desses entrevistados revelaram, entretanto, um interesse muito particular pelas relações inter-raciais, mostrando que leem livros brasileiros e estrangeiros sobre o assunto, que procuram assistir os filmes cinematográficos com temas daquela natureza, que discutem a matéria entre os do seu tipo e *status* profissional e social; houve dois que declararam que há muito pensam em escrever as suas observações sobre o problema. Num caso, porém, uma funcionária pública mulata respondeu com certa irritação que o problema não é importante e que os pretos bahianos não sobem socialmente porque são muito "atrazados e ousados".

OS CASAMENTOS INTER-RACIAIS

O casamento inter-racial é um dos canais de acesso e de integração da gente de cor nas classes mais altas. Uma vez que os indivíduos mais claros têm maiores possibilidades de se tornarem socialmente brancos, o casamento entre escuros e brancos confere prestígio aos primeiros e oferece a expectativa de filhos mais próximos do tipo preferido.

No Brasil nenhuma lei proíbe o casamento entre pessoas de raças ou tipos diferentes. Os candidatos ao casamento civil ou religioso habitam-se perante as autoridades do Estado ou da Igreja apresentando documentos, como as certidões de registro de nascimento ou de batismo, em que o tipo ou a "cor" é mencionado apenas para fins de identificação.

É muito elevado na Bahia o número de casamentos entre pessoas que diferem quanto à intensidade de sua pigmentação e quanto à frequência de outros traços étnicos. Em 222 pares observados há poucos anos, 34 por cento eram da mesma cor, em 43 por cento o homem era mais escuro que a mulher e em 22 por cento esta era mais escura (49). Mas a frequência dos verdadeiros inter-casamentos, i. e. entre pessoas prove-

(49) Thales de Azevedo, "Um aspecto da mestiçagem na Bahia", *Rev. do Arquivo*, a. XI, vol. CI, S. Paulo 1945, p. 45.

nientes de *stocks* raciais diferentes, é difícil de determinar com os métodos usuais de classificação étnica. Para segui-lo seria preciso classificar geneticamente os participantes das uniões ou estudar as genealogias de muitas famílias. Uma vez que indivíduos de fenotipo "branco" são, por vezes, mestiços branqueados e que, por outro lado, há "pretos" que são mestiços (50), torna-se extremamente difícil afirmar quando um casamento é de fato inter-racial. O que importa, porém, neste estudo, são os casamentos entre pessoas de cor e pessoas "socialmente brancas". Estes são, indubitavelmente, muito frequentes. Em 1,269 casamentos, Pierson encontrou 3,3 por cento inter-raciais, cifra realmente baixa para uma região em que as barreiras de cor são tão tênues. Estas cifras foram, certamente, tomadas de um conjunto de casamentos de pessoas de todas as classes (51). Se, porém examinarmos a situação nos estratos intermédio e inferior, como sucede com a outra amostra, aquela proporção pode atingir a 20 por cento ou mais. Contudo, não foi sempre assim. As leis portuguesas proibiam, no período colonial, os casamentos de brancos com indígenas e com negros. Extinta a escravatura dos aborígenes, logo foi permitido o casamento dos brancos com índios. Mas já antes disso o clero

(50) Paul Rivet chama atenção para a facilidade com que o negro africano é absorvido na mestiçagem com brancos e com indígenas da América do Sul, cfr. *As origens do homem americano*, S. Paulo (1948), p. 80. Ver também M. J. Herskovits, *The anthropology of the American Negro*, N. Y. 1930.

(51) op. cit., p. 209.

católico regularizava, por meio do casamento religioso, os numerosos concubinatos entre colonos portugueses e mulheres indígenas. Os casamentos de brancos e de indígenas com negros continuaram proibidos durante muito tempo. À medida que a mestiçagem entre europeus e africanos aumentava pelas uniões livres, paralelamente crescia o número de casamentos inter-raciais porque realmente só não eram permitidos os casamentos entre pessoas livres e escravos. Afinal, com a abolição definitiva da escravatura negra, caiu a última barreira aos inter-casamentos. Punidos ainda durante bastante tempo por severas sanções sociais (52), esses inter-casamentos vinham crescendo desde a Independência, em 1822, com a ascensão social dos mulatos militares, burocratas, advogados diplomados pelas Universidades portuguesas e francêsas, processo que foi intenso durante o regime monárquico brasileiro para o qual a Bahia contribuiu com muitos estadistas e políticos saídos daqueles grupos (53).

(52) Expilly escreveu em 1863: "A Constituição proclamou a igualdade dos cidadãos. O preconceito, mais forte que a Constituição, eleva uma barreira insuperável — até hoje pelo menos — entre os indivíduos que se diferenciavam pela tonalidade da pele. Dão-se dragonas, condecorações, títulos aos homens mestiços. Mas ninguém faz liga com eles. Quando se viu uma branca casar com um mulato? Aquela que ousasse afrontar tão audaciosamente os usos e os costumes de seu país seria repelida, no mesmo instante, e os costumes da raça pura. Seria desprezada, apontada a dedo, excluída sem dó da sociedade em que ela figurava, em outros tempos, como ornamento e orgulho". *Mulheres e costumes do Brasil*, S. Paulo 1935, p. 279.

(53) G. Freyre, op. cit., III, p. 951.

A pressão social contra os inter-casamentos parece diminuir com o passar do tempo, de maneira que aqueles são cada dia mais numerosos. Uma informante recorda que antigamente, nas famílias da alta e média sociedade, apurava-se com extraordinário rigor a origem dos noivos. Muitos casamentos deixam de ser feitos porque um dos pretendentes tinha "casta". E os que se realizavam custavam a ritura de relações dos novos casais com seus pais. Eram verdadeiras tragédias. Havia pais que amaldiçoavam as filhas e as desherdavam quando persistiam em casar com um jovem de "qualidade inferior", sobretudo se este, além de mestiço, era bastardo. Hoje, acrescenta a informante, há muito mais facilidade. Essa é, aliás, uma impressão geral.

Esses casamentos são muito desejados porque conferem prestígio ao cônjuge mais escuro. Um professor preto diz que poucos são os homens escuros que esposam mulheres claras pensando em melhorar a raça, "mas para facilitar a sua própria ascensão social". Uma evidência disto está na frequente manifestação, expressa ou dissimulada, daquele desejo. Uma funcionária mulata tem namorado "por brincadeira" com rapazes brancos, como quem lança a sorte para ver se alcança o seu desiderato, mas assevera que não se casaria com um homem escuro ainda que fosse rico e bem colocado; a sua mãe lhe dá todo apoio nessa attitude e a exproba quando ela anuncia que está aceitando a côrte dalgum escuro. As suas três irmãs casaram-se com brancos e uma delas tem orgulho dos filhos por serem aloutrados. Também uma estudante do mesmo tipo "prefere"

namorados morenos mas confessa que não teria constrangimento em casar-se com um branco. Gaba-se um jovem estudante mulato de que já teve oito namoradas mais claras do que êle, á exceção de uma, o que documenta mostrando os retratos de três daquelas. Há mesmo quem diga que certa preta tem uma grande quantia reservada "para comprar um marido alvo". Ela mesma declarou que "não faz força para o casamento"; casar-se-á se este fór o seu destino, e afirma que tem recebido declarações de pretos e de brancos, mas que as rejeitou indistintamente. "Não tenho preferência de tipo; apenas exijo que seja homem de cultura e que corresponda ao meu ideal". E, como que traída pelo inconsciente, conta que durante uma viagem encontrou um alemão, — o tipo mais característico de "branco fino" para os bahianos, o qual lhe fez a côrte e depois lhe escreveu várias cartas. É também muito expressivo o que disse uma jovem mulata: "As moças escuras preferem rapazes mais claros. Eu mesma, se chegar a me casar..." Não conclui a frase mas, depois de uma pausa, acrescenta: "Depende, porque se eu gostar de um rapaz não vou olhar a côr". E, como que fazendo uma queixa, diz ainda que "os rapazes de côr preferem as claras, embora tenham pouca educação, mas basta serem claras..."

O ressentimento que isso causa entre as moças é dissimulado, quasi sempre, em desinteresse pelo casamento. Uma profissional mestiça afirma que não se preocupa em casar porque tem um temperamento irrequieto. Além disto, os homens de côr procuram esposas brancas e os

pretos que lhe têm parecido são mentalmente inferiores a ela, o que pode ser perfeitamente verdadeiro. As mesmas frustrações encontram-se entre os homens que não conseguem noivas brancas. Um deles vive com uma mulata mas diz sabe de brancas e morenas que o aceitariam como esposas ou mesmo como amantes. Dois pretos retintos declararam que não desejam casar-se mas que já acharam moças brancas que os quizessem. Outro queixa-se de que as mulheres de côr não querem homem escuros, mesmo educados, dando preferência a um branco ainda que seja um pobre-diabo engratado; nas ruas recusam os galanteios dos escuros mas cedem às investidas desrespeitosas dos brancos. E é por isto, explica, que se fazem concubinas dos últimos ou nunca se casam.

A mulher alva e loura é, por outro lado, representada como fortemente inclinada para os homens pigmentados. Certo mulato claro, muito bem sucedido na sua profissão, não tem atração pelas escuras, conquanto reconheça que são visíveis e bonitas; prefere "as brancas, bem brancas". Segundo afirma, muitos da sua qualidade têm aquela inclinação independente da idéia de "limpar a raça". Acrescenta que as brancas finas têm verdadeira atração pelos escuros e os consideram particularmente viris e fortes, tanto que não gostam dos que têm maneiras muito delicadas. Outros informantes, no entanto, falam sem entusiasmo sobre esse tipo de mulheres, porque as consideram frias e frágeis. "A côr dá saúde", diz um deles, esclarecendo que mesmo os brancos sentem assim. As mulheres muito

claras causam repugnância a qualquer homem, afirma um mestiço; "sei até de um europeu que sente vontade de cuspir quando vê uma delas". Essas concepções da mulher muito branca são da mesma ordem daquelas que no sul dos Estados Unidos, de acordo com Dollard (54), servem para protegê-la contra os homens de côr e talvez mesmo contra os brancos. A *morena*, por outro lado, é considerada como o tipo feminino mais ardente e mesmo mais acessível sexualmente. Vários dos informantes que mostram desejo de casar-se com brancas explicam ou deixam entender que se referem às mestiças claras, socialmente brancas.

Outra razão pela qual os intercassamentos são desejados é que por meio deles muitos podem "melhorar a sua raça". Os casamentos de preto com preta só servem para perpetuar a situação, opina um profissional preto que é tido, pelos da sua qualidade, como racista; "o filho mulato tem mais aceitação e não sofre o que a gente sofre". Os traços "mais finos" dos filhos mestiços, explica outro informante, facilitam a integração social destes. Ter pai branco é, além disso, uma vantagem em si mesma, — acrescenta. Refere um mulato escuro que começou a trabalhar em profissões muito humildes e penosas mas que a

(54) It seems possible that the image of the white woman is in part conserved against sexual thought and allusions, whereas the Negro woman tends to draw the full burden of unsublimated sexual feeling... If Negro women are represented as sexually desirable in the folk imagination of the whites, Negro men are viewed as especially virile and capable in this sphere", John Dollard, *Caste and class in a Southern town*, N. York 1949, p. 137 ss.

sua situação veio a melhorar quando um político influente soube que êle era filho de um seu amigo, branco; logo passou para um serviço de escritório, que lhe deixava tempo para estudar, até que se diplomou pela Universidade. Outro profissional considera que uma das vantagens de que gozou desde menino foi o fato de seu pai ser branco, apesar de modesto, porém muito amigo dos políticos da pequena localidade em que vivia.

No que se refere aos casos específicos de informantes que casaram com mulheres alvas ou pelo menos mais claras do que êles, é curioso mencionar que nenhum invocou, para justificar essa preferência, qualquer das razões atraz apontadas. Alguns dizem que tiveram uma primeira noiva escura, que faleceu ou que desmanchou o noivado; só por isto vieram a casar com uma esposa clara. Outros não tentam nenhuma racionalização. Diz um destes: "Ha muito branco que eu não quero em minha porta. Entretanto casei-me com uma branca descendente de portugueses". Outra explicação apresentada por alguns informantes é que as moças escuras se recusam aos jovens da sua "qualidade", mesmo quando êstes são diplomados e bem colocados. Nas casas de famílias brancas, em que muitas daquelas moças são criadas, ajuntam os informantes, elas ouvem dizer que devem evitar "esses pretos ousados, ignorantes". Mas isso refere-se aos pretos de condição humilde, não aos de *status* social e profissional elevado. Os rapazes escuros, diz um preto, quando chegam aos vinte anos de idade mais ou menos, começam a sentir essa dificuldade: "é por isto que procuram as moças,

claras". Evidentemente, o assunto é dos que não se esclarecem apenas com o material deste estudo, mas parece fora de dúvida que tudo isso são outras tantas racionalizações para dissimular o desejo de união com brancas. Este desejo, por outro lado, necessitaria ser interpretado com a ajuda da psicanálise e de outras técnicas de investigação dos problemas de personalidade.

São conhecidos na Bahia alguns pretos de destaque, especialmente nas profissões liberais, que se casaram com brancas ou com mulheres muito mais claras do que êles mesmos. Isso é mencionado com certa ênfase e mal disfarçado orgulho por algumas pessoas escuras, embora também provoque críticas. Em muitos desses casos as esposas são de *status* mais baixo porque "na classe mais elevada, embora sejam frequentes os inter-casamentos de que participam mulatos claros e morenos, ha uma decidida oposição ao casamento com pessoas do extremo oposto da escala de côres" (55). Quanto mais baixa, porém, a posição do homem menos difícil é o intercasamento em sua própria classe. Quer dizer: é muito mais fácil a um preto dos grupos intermédio e inferior casar com uma branca de menor própria posição. Por outro lado, quanto menor é a diferença entre os tipos físicos do homem e da mulher, menores são as resistências a vencer em qualquer dos estratos sociais. O casamento de homem claro com mulher escura, sobretudo quando esta é muito mais pigmentada, sofre oposição forte em todas as camadas, muito embora

(55) Pierson, op. cit., *ibid.*

as concepções sobre a *morena* de traços finos e côr de jambo tornem este tipo desejado por alguns brancos, particularmente pelos imigrantes portugueses e um pouco pelos alemães. A mulher escura que casa com um branco está muito mais exposta à hostilidade da família do esposo do que o escuro que casa com mulher clara ou branca. Uma das explicações para isso deve estar no fato de que, tendo a família bahiana como centro dominante a esposa, o marido é atraído para a família daquela; os filhos, da mesma maneira, ligam-se afetivamente e seguem mais os padrões da família materna do que da paterna (56).

Desse modo o branco que se casa com escura "desce" de classificação, porque, de acordo com um refrão muito conhecido, "quando uma moça se casa a sua família ganha um filho". Ele passa para o mundo das pessoas de côr de que se origina a sua esposa. Ao passo que o homem escuro "sobee" ao integrar-se na família da esposa clara ou alva. Esse é o sentimento dos bahianos, que o Autor, como participante da vida local, conhece e observa. Isso é, de outro lado confirmado analiticamente pelo que ocorre com os casamentos entre pessoas de *status* e fortuna diferentes. Na Bahia, como de modo geral em todo o Brasil, são muito mais aprovados os casamentos de

(56) Para verificar esta hipótese o Autor interrogou a 30 moças de classe inferior e intermediária, alunas de uma escola profissional, sobre a matéria e verificou que 63.3 por cento se consideram mais chegadas à família de suas mães; 26.6 por cento não mostraram preferências; 6.6 por cento inclinam-se para o lado paterno e 3.3 por cento não conhecem seus ascendentes.

rapaz "formado e bom", ainda que pobre, com moça rica, de alta sociedade, do que os de homem rico com mulher de "classe inferior". No caso do jovem "formado e bom", que são duas condições muito exigidas para esse tipo de casamento, porém pobre ou de côr, a família da noiva capitaliza aqueles títulos como uma compensação para a troca que faz da sua fortuna ou branquidade; na situação oposta, os títulos que a moça pobre ou escura possa trazer não têm, ordinariamente, o mesmo poder de compensação para a família do seu esposo.

Os brancos justificam a sua oposição ao casamento com pretos, além das ideologias relativas à inferioridade mental e moral do negro, com a repulsa "instintiva" por certas características orgânicas dos africanos e seus descendentes mais próximos. Certo mulato, educado entre europeus, expressa essa atitude dizendo que "o preconceito de côr não é forte na Bahia mas a instintiva repulsão da raça branca deantes das deficiências da raça irmã, quando pura ou quasi pura, — mau cheiro, coloração etc., não deixa de provocar um que outro comentário desagradavel sobre os descendentes de Cam". Vale anotar que, enquanto o "máu cheiro" dos pretos é considerado alguma coisa de inerente à sua natureza e portanto insanavel, o desagradável odor corpóreo de portugueses e outros imigrantes é atribuído unicamente à falta de asseio dessas pessoas, o que revela uma diferente concepção do preto. E esta concepção coloca o preto numa categoria fisiológica particular e inferior, mal sabendo muitos

brancos que éles próprios emiêm um odôr intoleravel para os asiáticos e pretos (57).

Funcionando a côr e os traços somáticos, em grande parte, como símbolos de *status*, a resistência aos inter-casamentos traduz ao mesmo tempo preconceito de classe e de raça ou, melhor, de "côr". É interessante reparar que muitos informantes dizem que praticamente só existe preconceito de côr na Bahia quando se trata de casamento. Muitos brancos também pensam desse modo. Os inter-casamentos são realmente o ponto crítico das relações raciais na cidade. Nesse terreno o comportamento se caracteriza por mais distanciamento e intolerância dos brancos, mesmo dos que são apenas "socialmente brancos", para com os de côr, o que exige um máximo de esforço para a acomodação reciproca dos dois grupos e para o ajustamento das personalidades aos padrões em vigor.

(57) É interessante o que se passa com as transfusões de sangue. Quando estas se faziam diretamente do doador para o recebedor, muitas vezes os pacientes brancos ou suas famílias preferiam doadores também brancos, mostrando-se constangidos quando o doador era um mulato ou preto. Atualmente, com o sistema de sangue conservado, quase ninguém pergunta pela "qualidade" do doador, a não ser os judeus e alguns estrangeiros, especialmente europeus, que pedem sangue de pessoas de suas famílias ou de sua "raça". No primeiro caso o que motivava a atitude dos brancos era provavelmente o fato de que o doador deitava-se numa cama paralela ao doente, situação que figurava a intimidade de duas pessoas que dormem juntas.

CANAIS DE ASCENSÃO SOCIAL

O COMÉRCIO

Os comerciantes e fazendeiros têm na sociedade bahiana um prestígio proporcional à importância econômica de suas atividades; as famílias mais ricas são constituídas por êles e a sua influência é notória em toda a vida social. Através desses dois gêneros de atividades a maioria dos bahianos obtêm a sua subsistência, adquirindo *status* e exercendo controle sobre outros setores da estrutura social (58).

Os grupos nacionais e raciais, de que se compõe a população da Bahia, participam diversamente do comércio e da agricultura. Enquanto que entre os mais importantes criadores de gado preponderam os brancos e morenos, há entre os proprietários das plantações de cacáu uma alta proporção de pessoas de côr que começaram como pequenos plantadores e alargaram as suas fazen-

(58) As atividades econômicas que ocupam maior número de pessoas no Estado da Bahia são a agricultura e a pecuária (67 por cento dos indivíduos do sexo masculino); seguem-se em importância a pequena indústria artesanal e o comércio de mercadorias, de acordo com o censo econômico nacional de 1940. Na Cidade do Salvador (Bahia) estão em primeiro lugar as profissões liberais e o ensino particular, que as estatísticas registram englobadamente, em segundo lugar o comércio e muito abaixo as indústrias referidas e toda a indústria de transformação em grande escala, a qual é relativamente pouco importante.

CONCLUSÕES

É somente em parte verdadeira a idéia de que na Bahia não existem preconceitos e discriminações por motivo de côr. A gente de côr ainda é colocada por muitas pessoas em uma categoria biológica e social com características inferiores ás dos brancos. Acreditam essas pessoas que a capacidade intelectual, os traços de personalidade, a moralidade, as possibilidades de progredir socialmente e de enculturar-se na civilização dominante diferem dos indivíduos de côr para os brancos, dizendo que a Bahia não progride mais "por causa dos pretos". Por essa razão muitos mestiços claros escondem ou negam a sua "casta", sentindo-se mal quando alguém alude à mesma ou a revela indiscretamente. Tudo isto resulta da crença de que todos os membros de determinado grupo étnico ou social têm as características mentais e os comportamentos atribuídos ao seu grupo segundo a simpatia ou antipatia com que o mesmo é encarado por outro.

Em virtude desses sentimentos, que são aliás muito tênues, verificam-se discriminações contra os escuros em alguns setores da organização social. É evidente, todavia, que tais discriminações são muito brandas e que difficilmente se podem distinguir dos antagonismos de classes, uma vez que a côr da pele é historicamente considerada no Brasil um simbolo de *status*: os brancos lem-

bram os antigos colonos portuguezes que dominavam a economia, a política, a administração pública e cujos descendentes são, ainda hoje, a maioria das classes altas, enquanto os de côr lembram os escravos africanos, importados para trabalhar nas lavouras, nas atividades braçais, nos officios manuais, nos serviços domésticos, constituindo até agora as camadas mais pobres e menos instruidas do povo.

Mas, como a sociedade bahiana é uma sociedade multi-racial de classes, em que realmente não há castas, isto é grupos fechados, cujos componentes são hereditariamente classificados e não têm possibilidades de mudar a sua localização social ou de passar para outros grupos, as pessoas de côr têm o seu *status* condicionado por suas qualidades e aptidões individuais, competindo em igualdade de condições com os brancos.

Em princípio qualquer indivíduo tem a possibilidade de ascender socialmente por sua fortuna, por seus méritos intellectuais, por seus titulos profissionais, por suas qualidades morais, ou pela combinação desses elementos, de acordo com os sistemas de valores de uma sociedade de tipo capitalista. Contudo, no processo de peneiramento para classificação nos estratos mais elevados da sociedade, os indivíduos de côr experimentam certas resistências, em parte por influência dos mencionados preconceitos e doutra parte por provirem das classes sócio-econômicas mais baixas.

A ascensão social dos escuros como indivíduos é frequente e fácil de verificar. Como grupo, no entanto, as pessoas de côr vêm ascendendo mais difficilmente. Basta comparar as pro-

porções em que os diversos tipos físicos se encontram na população total da Bahia e nos grupos e organizações que simbolizam a "classe alta":

POCENTAGENS E INDICES APROXIMADOS DE FREQUÊNCIAS DOS DIVERSOS TIPOS FISICOS

	Branços		Pardos		Pretos	
	Porc.	Indices	Porc.	Indices	Porc.	Indices
Na população total	33	100	47	100	20	100
Numa irmandade religiosa	82	240	18	38	0	0
Nas profissões liberais (*)	76	230	22	46	2	10
Num clube recreativo	67	200	33	70	0	0

Nenhum dos grupos acima, como se vê, constituiu uma amostra representativa da população total, o que, de logo, mostra que os diversos tipos ainda não tiveram oportunidade de ascender aos estratos superiores da estrutura de classes.

Se, à base das descrições da sociedade baiana no passado, pudéssemos organizar um quadro da mesma natureza, veríamos que a "alta sociedade" e as profissões de prestígio de há cincoenta ou oitenta anos atrás eram muito menos misturadas, apesar de que a participação de indivíduos mestiços em tais grupos é uma velha tradição brasileira. Para se avaliar quanto se tem modificado, para melhor, a situação dos grupos de côr, mencione-se que por ocasião do censo nacional de 1872 a totalidade dos escravos existentes na cidade eram analfabetos. Desde a abolição da escravatura em 1888, apesar de pouco se haver feito diretamente em benefício dos libertos, estes progrediram a tal ponto que hoje mais de 50 por cen-

(*) Média de diversas profissões liberais.

to dos pretos e mais de 60 por cento dos pardos acima dos 5 anos de idade estão alfabetizados, e o número dos mesmos cresce anualmente nos cursos secundários e superiores, abrindo caminho para as profissões liberais, em que já se contam em proporções variáveis.

Ha que esclarecer ainda que entre os chamados "brancos" existem muitos mestiços claros que são considerados socialmente brancos e que as pessoas de côr, mesmo as mais escuras e de traços negroides mais evidentes, são tratados como quaisquer outras da sua posição social. As relações inter-raciais são, ademais, reguladas por certo *fair play*; em outros termos os *mores* bahianos reprovam as discriminações confessadamente motivadas por intolerância racial ou preconceito de côr. Um outro aspecto da dinâmica e da psicologia social bahiana é que tanto os antagonismos de classe, quanto os de côr, são atenuados por processos de acomodação recíproca entre os grupos e pelo desenvolvimento, entre brancos e escuros, do tipo de personalidade "cordial" e "macia", que alguns autores consideraram característica do povo brasileiro e cujo protótipo seria o bahiano.

As facilidades para a ascensão social das pessoas de côr estão aumentando na Bahia; segundo a opinião de muitos informantes, continuarão aumentando, a menos que a mudança cultural, sob a influência das novas condições sociais pela espedrada industrialização da região com a exploração das jazidas de petróleo e com o grande surrimmento de energia elétrica das usinas hidrô-

leas em construção, produza uma sensível modificação do *ethos* bahiano.

É importante registrar que, até este momento, o principal canal de ascensão social, através o qual grande número de pretos e mestiços têm adquirido *status* elevado, é a educação no duplo sentido de boas maneiras e de uma instrução de elevado nível, além da adesão aos *mores* e concepções da cultura dominante, o que, em última análise, é um problema de aculturação ou de mais completa integração das massas de cor na sociedade dominante. Um dos mecanismos que facilitam essa integração é a proteção e a ajuda que muitos padrinhos e madrinhas proporcionam aos seus afilhados de cor, educando-os em suas próprias casas ou pelo menos obtendo-lhes empregos ou encaminhando-os aos estudos secundários e superiores e, muitas vezes, continuando a orientá-los e a protegê-los. Essa é mesmo uma das principais funções de tal sistema de parentesco espiritual.

Os grupos dominantes que constituem os estratos superiores da sociedade bahiana não têm resistência organizada áquelas tendências e, em coerência com o fundo liberal da sua mentalidade, consideram-na uma evidência de progresso moral e de "civilização", de que em geral os baixos de todos os tipos têm muito orgulho.

ANEXOS